

editorial

Desde que nascemos, NÓS MULHERES, ouvimos em casa, na escola, no trabalho, na rua, em todos os lugares, que nossa função na vida é casar e ter filhos. Que NÓS MULHERES não precisamos estudar nem trabalhar, pois isto é coisa pra homem.

Os próprios brinquedos da nossa infância já nos preparam para cumprir esta função que dizem a função natural da mulher: mãe e esposa. NÓS MENINAS, devemos sempre andar limpinhas e brincar (de preferência dentro de casa) de boneca, de comidinha, de casinha. E os meninos podem andar sujos e brincar na rua porque são moleques e porque devem se preparar para tomar decisões, ganhar a vida e assumir a chefia da casa. Além disso, aprendemos que sexo é um pecado para NÓS MULHERES, que devemos ser virgens até o casamento, e que as relações sexuais entre marido e mulher devem ser realizadas tendo como principal objetivo a procriação.

Aprendemos também que devemos estar sempre preocupadas com nossa aparência física, que devemos ser dóceis, submissas e puras para podermos conseguir marido. Ao mesmo tempo, vemos todos aplaudirem as conquistas amorosas e as farras de nossos irmãos. E muitas vezes não entendemos porque eles podem ter uma liberdade que para nós é considerada pecaminosa.

Quando vamos procurar um emprego, porque o salário do marido ou do pai não dá pra viver, ou porque queremos sair um pouco da solidão das quatro paredes de uma casa, sempre encontramos mais dificuldades que o homem, porque somos mulheres.

Dizem-nos que não seremos boas trabalhadoras porque traremos para o serviço o cansaço do trabalho de casa e a preocupação com nossos filhos. E quando, com muita dificuldade, conseguimos um emprego (às vezes, nossos próprios pais ou maridos não nos deixam trabalhar pois foram acostumados a pensar que os homens devem sustentar a casa) sempre ganhamos menos que os homens, mesmo fazendo o mesmo trabalho que eles. E, neste emprego, nossos cargos são sempre subalternos. Até nos acostumamos a pensar que os chefes devem ser homens! NÓS MULHERES somos oprimidas porque somos mulheres.

Mas mesmo entre nós existem diferenças. Um grande número de mulheres cumpre uma dupla jornada de trabalho: o trabalho fora de casa e o trabalho doméstico. Outras cumprem só as tarefas domésticas. Mas, entre as próprias donas de casa, persistem diferenças. Existem aquelas que não são obrigadas a passar o dia inteiro fazendo o trabalho de casa porque têm dinheiro para contratar alguém que faça este serviço por elas. Além disso, podem dar uma boa alimentação, uma boa escola, brinquedos e roupas a seus filhos. A maioria das donas de casa, porém, é obrigada a passar o dia todo lavando, passando, arrumando, cozinhando, cuidando dos filhos, num trabalho que não

acaba nunca. Muitas não podem sequer dar a seus filhos uma boa alimentação e uma escola. Muito menos brinquedos e roupas.

Queremos mudar esta situação.

Achamos que NÓS MULHERES devemos lutar para que possamos nos preparar, tanto quanto os homens, para enfrentar a vida. Para que tenhamos o direito à realização. Para que ganhemos salários iguais quando fazemos trabalhos iguais. Para que a sociedade como um todo reconheça que nossos filhos são a geração de amanhã e que o cuidado deles é um dever de todos e não só das mulheres. É possível que nos perguntem: «Mas se as mulheres querem tudo isto, quem vai cuidar da casa e dos filhos?» Nós responderemos: O trabalho doméstico e o cuidado dos filhos é um trabalho necessário, pois ninguém come comida crua, anda sujo ou pode deixar os filhos abandonados. Queremos portanto, boas creches e escolas para nossos filhos, lavanderias coletivas e restaurante a preços populares, para que possamos junto com os homens assumir as responsabilidades da sociedade. Queremos também que nossos companheiros reconheçam que a casa em que moramos e os filhos que temos são deles e que eles devem assumir conosco as responsabilidades caseiras e nossa luta por torná-las sociais. Mas não é só. NÓS MULHERES queremos, junto com os homens, lutar por uma sociedade mais justa, onde todos possam comer, estudar, trabalhar em trabalhos dignos, se divertir, ter onde morar, ter o que vestir e o que calçar. E, por isto não separamos a luta da mulher da luta de todos, homens e mulheres, pela sua emancipação.

NÓS MULHERES decidimos fazer este jornal feminista para que possamos ter um espaço nosso, para discutir nossa situação e nossos problemas. E, também, para pensarmos juntas nas soluções.

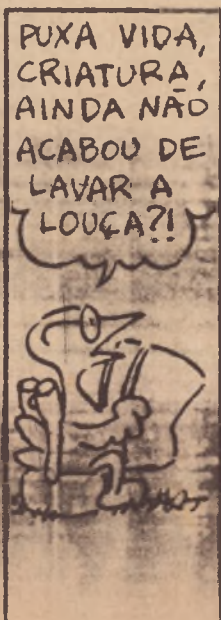
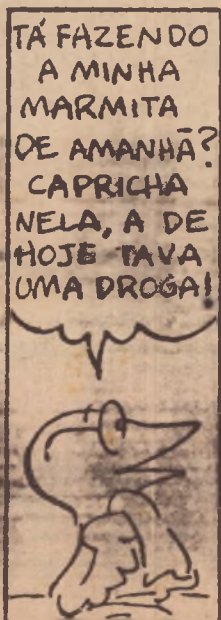
Sua colaboração é muito importante. São poucas as tribunas democráticas que a mulher (e não só a mulher) encontra hoje em dia para poder expressar sua opinião tanto em relação aos problemas gerais da sociedade quanto ao seu problema específico de mulher.

Queremos que este jornal seja mais uma destas poucas tribunas.

É por isto que quanto mais cartas, críticas, artigos, sugestões, informações você mandar, estará ajudando a construir este nosso instrumento de conscientização e luta.

É claro que neste número não poderia caber tudo o que queríamos mostrar. Pretendemos retomar nos próximos números os assuntos que tratamos neste e outros, falando por exemplo da vida da secretária, da mãe solteira, da enfermeira, da desquitada, de NÓS MULHERES, enfim. Finalmente, queremos agradecer a gentileza de Ruth Escobar, a quem devemos o financiamento deste primeiro número.

E a todas as mulheres que contribuíram com seu depoimento para o nascimento do jornal NÓS MULHERES.





A vida fica cada vez mais difícil. Um salário não dá mais para viver. Nós, mães donas de casa, vemos que precisamos dar uma ajuda. A saída de todas nós é também arranjar emprego e passar o dia fora de casa.

Trabalhar fora de casa é importante, mas os nossos filhos ficam jogados em casa, na rua, no bairro e não têm onde ficar. Quem cuida deles (4, 5, 6 crianças) é um irmão maior de 8, 9, 10 anos. E a consequência disso a gente vê todos os dias.

As crianças ficam entregues a si mesmas, sem alimentação mínima em horas certas, sem higiene, além dos acidentes que acontecem: queimaduras, cortes, brigas. E ainda, ficam sem nenhuma orientação.

E nós falamos de delinquência infantil. Será que ela já não começa com os nossos filhos? Enquanto a gente mesma vai para o serviço sem sossego, preocupada sempre com o que pode estar acontecendo em casa com eles.

Diante disso resolvemos dar uma solução em conjunto para o problema. E quando a gente estava pensando nisso, a Prefeitura, através da Regional de Campo Limpo veio oferecer um parque infantil para vários bairros. Começamos reuniões com as mães, com a assistente social da Regional. O resultado dessa campanha morreu com a construção de um Parque

Infantil no Jardim Capela, que apenas trouxe alguns brinquedos que hoje quase nem existem e se transformou num lugar de brigas entre crianças em vez de lugar de diversão. E mais uma vez a gente vê que a criança precisa de orientação, que essa solução de simples parques de brinquedos não resolve o problema de ninguém.

A nossa ideia é de ter um lugar onde as crianças se alimentem de um jeito certo, tenha higiene, que seja orientada por gente que entenda de criança e ajude elas crescerem de um jeito sadio, e que também nós, os pais, participemos dessa educação. Que a creche ou Parque Infantil onde a criança passe o dia, seja nosso e que a gente possa trabalhar com o mínimo de tranquilidade e os filhos cresçam no seu direito à vida em todos os sentidos.

Por isso fizemos equipes de mães, fizemos abaixo-assinados com quem acha que é importante a creche no bairro e que precisam dela. O apoio foi total. Fomos até Campo Limpo de baixo de chuva ou de sol, eles nos mandaram para o Ibirapuera, na Secretaria do Bem-Estar Social. Ali na Secretaria, nos deram esperanças, quase certeza de conseguir, pois a Prefeitura estava planejando a construção de 30 creches em São Paulo e que deveríamos arranjar imediatamente plantas de terrenos da Prefeitura em nossos bairros. Dai em diante, todas as semanas, grupos de mães foram até a Secretaria do Bem Estar

Social e cada vez exigem de nós outras coisas e nos mandam para outros lugares: Campo Limpo, Ibirapuera, 11 de Julho, Secretaria do Bem Estar, Rua da Glória...

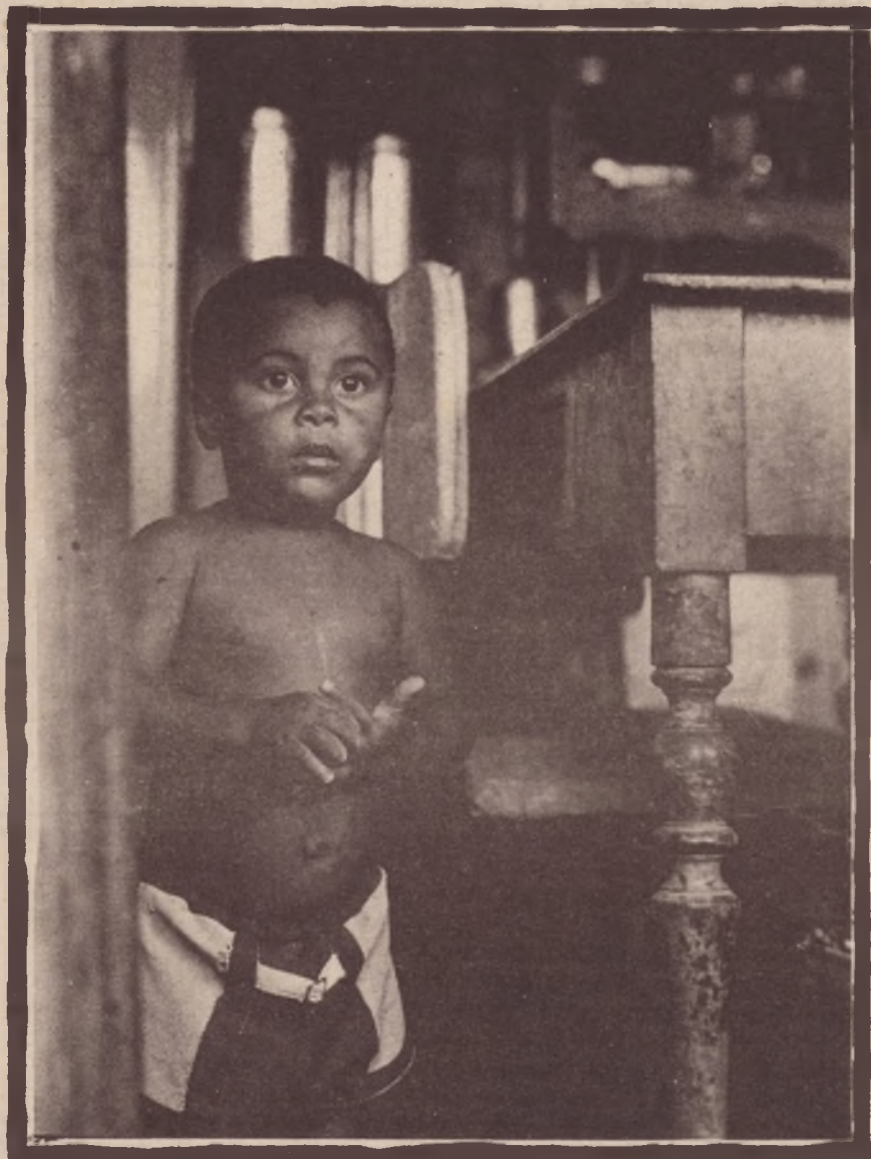
Até que um dia disseram que se a gente mesma construisse e fizesse funcionar durante 3 anos, a Prefeitura iria ver se aprovava a creche e daria uma ajuda...

Diante disso a gente se reúne e pensa:

1) Se a gente tivesse dinheiro para construir a creche e fazer com que ela funcione durante 3 anos, de verdade, a gente não estaria precisando trabalhar e passar o dia fora de casa... 2) A creche é uma «exigência», porque pagamos imposto na prefeitura. Existe o dinheiro para construção de viadutos, iluminações, e as crianças ficam abandonadas. 3) Existe tanta promessa de Ministros na televisão de cuidar dos menores. A polícia não resolve o problema do menor. Esse problema deve ser resolvido pela raiz e não por remendos, depois, quando não tem mais jeito. Nós somos responsáveis por essas crianças e exigimos condições para educá-las. Elas tem o direito educação, garantido pelas leis, que precisam ser respeitadas.

Contamos com sua ajuda para a solução desse problema que para nós é angustiante; e esperamos uma resposta.

GRUPOS DE MÃES DO SETOR
INTERLAGOS E SOCIEDADES DE
AMIGOS, SÃO PAULO



*Senhor
Prefeito,
Senhores
Vereadores,*



Esta carta mostra um dos principais problemas que a mulher enfrenta para poder trabalhar fora de casa. Com quem deixar os filhos? E mostra também que as mães estão enfrentando positivamente este problema. Estão se organizando e se mobilizando para conseguir creches. E este não é o único grupo que está lutando.

Na Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, estudantes, funcionários e professores lutaram durante muito tempo para conseguir uma creche. A estudante é obrigada muitas vezes a abandonar ou suspender por um certo tempo o seu curso para cuidar dos filhos. No seu documento «Porque uma creche?» o pessoal da USP diz: «Nós — alunos, professores e funcionários — queremos uma creche que atenda nossas necessidades. Ou seja, uma creche gratuita para filhos de funcionários, alunos e professores no Campus e/ou adjacências. Mas obviamente não queremos uma creche que seja um mero «depósito de crianças». Queremos, isto sim, uma creche modelo, com a aplicação

do que existe de mais atualizado em termos de espaço, educação e desenvolvimento infantil. Uma creche que possa servir de projeto piloto para futuras instalações na comunidade (...) Reinvidicamos também a participação nas decisões quanto ao tipo de educação ali empregada, bem como na discussão e soluções de todos os problemas da creche.» Depois de várias concentrações em frente a Reitoria, nas quais as crianças também participaram, o projeto de se construir uma creche foi aceito. No início só serão aceitas 250 crianças mas apesar disso, pode-se dizer que a batalha foi vitoriosa.

A associação de donas de casa também está lutando há muito tempo para conseguir creches. Em Burgo Paulista, por exemplo, a Associação, junto com pessoas do próprio bairro, lutou durante muito tempo para conseguir uma creche. Não foi uma batalha fácil, pois a prefeitura só dá verba se já tem alguma coisa começada. «Ah, a prefeitura é assim: quem não começou, ela nem vai olhar. Tem que começar, tem que estar funcionando a cre-

che». Então o jeito, foi fazer funcionar uma creche de qualquer jeito, durante três anos, para que a prefeitura reconhecesse sua existência e desse verba. «Eram as próprias mães que ajudavam, que cuidavam. Mas era difícil, porque um dia podia, outro dia não podia porque tinha obrigação, tinha trabalho». Isto começou em 1972. «Então dali pra cá foi lutando, lutando, até que conseguimos. Fizemos um abaixo-assinado do pessoal do bairro e aí a prefeitura deu. Agora, tem várias pessoas que trabalham lá, recebendo ordenado mensalmente.»

Nesta creche, uma parte da verba vem da Prefeitura, e outra das mães das crianças. Ela agora possui uma pedagoga e uma professora. As monitoras são pessoas do próprio bairro. «Porque sendo mais perto, elas chegam lá na hora. E depois, no bairro, tem muita gente que precisa de dinheiro e trabalhando na creche já tá ajudando.»

O maior problema agora, é fazer com que os pais participem da organização da creche. «Porque é só tendo contato com

as mães que a gente pode falar que tipo de coisa a gente tá fazendo lá, pra elas continuarem em casa, porque sempre é diferente né? Agora os pais pra levá-los na creche.. A gente convida né? Mas até os pais vir.. Nem as mães participam. É por isso que agora, no dia 12 de maio, nós vamos ter uma reunião com as mães que trabalham. As mães das crianças da creche. Então nessa reunião nós vamos falar pra ela que tem uma Associação, que elas devem vir participar, discutir, dar ideias».

A associação das donas de casa não parou em Burgo Paulista. Apesar de todas as dificuldades, estão agora tentando conseguir uma nova creche em S. Nicolau. «Já se pôs ripas, para armação, para já ter alguma coisa para se conseguir verba porque se não tiver nada, pelos menos um salão pra começar, a Prefeitura não dá nada».

É difícil conseguir creches. Mas e se mais gente começasse a se mexer para conseguir-las?

Será que já não teríamos conseguido várias outras?

ISLÂNDIA

As mulheres da Islândia, ilha situada noroeste da Europa Ocidental, protestaram contra o fato dos melhores empregos e salários estarem sempre nas mãos dos homens. Empregadas da indústria, comércio e escritórios abandonaram seus trabalhos e tarefas domésticas para realizar uma manifestação no centro de Reikjavik, capital do país. Os jornais não puderam ser publicados porque maioria dos teletipistas são mulheres; teatros fecharam por falta de atrizes; o sistema telefônico deixou de funcionar com a ausência das operadoras. Por volta de 25.000 mulheres participaram da manifestação, que teve o apoio oficial de todos os partidos políticos e sindicatos.

ESPAÑA

Duas mil mulheres espanholas tentavam chegar ao gabinete do Primeiro Ministro, Carlos Arias Navarro, pedindo igualdade de direitos para as mulheres, quando foram dispersadas pela polícia com gás lacrimogênio. Esta foi a primeira vez, em muitos anos, que as mulheres se manifestaram na Espanha. A marcha foi organizada por 23 associações femininas dos bairros de Madrid, e pedia igualdade no trabalho, educação e cultura, contra a discriminação

que é ainda muito forte na Espanha. Reclamava também liberdade de expressão e liberdade para os presos políticos.

AMÉRICA LATINA

A Comissão Econômica das Nações Unidas para América Latina (CEPAL), que tem sede em Santiago, Chile, concluiu, a partir de recentes estudos, que a participação da mulher latinoamericana na vida social e econômica de seus países é bastante inferior à do homem.

De forma geral, os códigos civis dos diferentes países da América Latina são vantajosos aos homens, dividindo de forma taxativa as tarefas que correspondem a cada um dos sexos: o homem é o chefe da família, devendo sustentá-la; a mulher deve ter filhos, educá-los e cuidar da casa e comida.

Há algumas variações de país para país, no sentido de proporcionar maior igualdade entre homens e mulheres. Assim, o Uruguai (1946) e Argentina (1947) foram os primeiros países da América Latina que fizeram leis sobre os direitos civis das mulheres. Mais tarde, outros países também fizeram isso, entre eles o Brasil (1962), Chile (1973) e México (1974). Mesmo assim, diz a CEPAL, a mulher continua participando menos que o homem nos vários setores das sociedades de seus países.

No trabalho, o domínio masculino é forte. Na maioria dos países da América Latina, as mulheres com mais de 10 anos que trabalham, representam em torno de 20% do número total de trabalhadores. Em 1970, a participação feminina entre os trabalhadores dos seguintes países era: Argentina - 24,5%; Brasil - 18,5%; Chile - 18,2%; México - 16,4%; Nicarágua - 17%; Panamá - 25,7% e Venezuela - 22,6%. Além disso, a mulher é discriminada também quanto à posição que ocupa no trabalho e aos salários que recebe pelo mesmo.

Em geral, as profissões mais encontradas pelas mulheres que procuram emprego devido à baixa renda familiar são as de empregada doméstica, vendedora ambulante e outras ocupações de baixos salários.

Em sindicatos, a participação da mulher é baixa. O poder masculino nessa área é tão forte, que mesmo em sindicatos que agrupam profissões femininas, como os têxteis, os líderes são geralmente homens.

A CEPAL conclui que em cada classe social a situação da mulher latinoamericana é inferior à do homem. Diz ainda que as medidas tomadas no sentido de melhorar esta situação, foram muito mais desejo por parte dos governos de agradar ao eleitorado feminino, do que fruto de reivindicação de

grupos organizados de mulheres.

RÚSSIA

A Constituição da União Soviética assegura à mulher «total igualdade com o homem em todas as esferas da vida econômica, cultural, pública e política». «No entanto, apesar do sistema de creches ser lá bastante desenvolvido, facilitando o trabalho das mulheres, os afazeres domésticos são tarefa exclusivamente feminina. As compras da casa são feitas no horário de almoço, durante o trabalho. Para comemorar o Ano Internacional da Mulher, 134 mil soviéticas se reuniram e, por um dia inteiro, não entraram na cozinha, cuidaram da roupa ou das crianças.

TURQUIA

Um grupo de mulheres turcas iniciou uma disputa legal com a Corte Constitucional para obter o direito de trabalhar sem permissão por escrito do marido, conforme estabelece uma norma do código civil daquele país. Em Dezembro do ano passado, em resposta ao Ano Internacional da Mulher, foi feito um congresso para estudar-se a modificação de todas as leis civis contrárias aos direitos da mulher.

DAQUI & DALI

No mundo inteiro as mulheres estão se reunindo e lutando por seus direitos. Esta página vai dar um breve resumo dessas lutas e suas consequências e também um resumo de acontecimentos nacionais que sejam do interesse da mulher.

salário mínimo

Há 168 anos, quando perguntaram ao proprietário de uma fábrica de tecidos na Inglaterra quanto ganhavam as tecelãs ele respondeu: «o suficiente». E o entrevistador disse: «mas o suficiente quanto?» E ele respondeu: «O suficiente, senhor».

Hoje em dia, no Brasil, a grande maioria das trabalhadoras e trabalhadores continua ganhando «o suficiente», ou seja, o Salário-Mínimo que, segundo a Constituição Brasileira deveria sustentar não só o trabalhador como também a sua família. Mas como disse o Sr. Francisco José da Silva, da Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura, pensa-se nos trabalhadores «como se todos fossem solteiros».

Pelo último aumento, em maio de 1976, o salário mínimo passou a Cr\$ 768,00 para os trabalhadores do Rio de Janeiro e de São Paulo e de Cr\$ 712,00 para os do Rio Gran-

de do Sul. Mas isso dá para que uma família possa comer, morar, tomar condução, vestir-se e comprar remédios? O DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos) acha que não dá, não. e eles explicam por que. Por que em 1975, quando o custo de vida estava mais baixo do que hoje, o salário para o sustento de uma família de quatro pessoas (pai mãe e dois filhos) deveria ser de, no mínimo Cr\$ 2.821,95. Para chegar a essa conclusão eles se basearam no custo dos alimentos, da moradia, dos transportes enfim, de tudo o que é fundamental para o trabalhador. Mas se o salário mínimo deve dar conta de tudo isso, como se explica a diferença entre o salário e o custo de vida? Explica-se, em primeiro lugar por que o DIEESE baseia-se no artigo 158 da Constituição que diz que o salário mínimo

deve ser familiar ao passo que o governo calcula o aumento salarial de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1943, que leva em conta apenas o trabalhador. E explica-se também pelo fato que o salário mínimo não é calculado de acordo com o custo de vida e sim de acordo com a inflação. Seria muito complicado falar aqui da inflação que também empobrece os salários e dos cálculos que o governo faz para estipular o salário mínimo, mas o importante é que saiba que o aumento do custo de vida não significa nada quando o governo determina o aumento salarial. E no entanto é com o salário mínimo que a maioria dos trabalhadores tem que enfrentar o custo de vida, numa briga em que eles sempre levam a pior.

Ainda segundo o DIEESE «a alta do custo de vida da família assalariada em fevereiro de 1976 foi de

5,8%, o maior aumento mensal dos últimos 10 anos, pois desde 1966 não ocorria uma elevação mensal tão grande».

Assim, não é difícil saber por que cada vez mais mulheres e crianças passam a trabalhar. As famílias não tem outra saída, pois o salário que deveria sustentar a todos, segundo a nossa Constituição, não dá nem para manter uma só pessoa, pois em 1975, quando o salário era de Cr\$ 532,80, uma pessoa, segundo o DIEESE, precisava de Cr\$ 840,65 para viver.

Se comer hoje em dia anda muito difícil, o que dizer do cinema, passeios, futebol, enfim daquelas coisas às quais todos deviam ter direito, depois de uma semana de trabalho? Mas isso não entra no cálculo do salário mínimo: fazem parte do que se chama «superfluo» ou seja desnecessário. Afinal, nunca se ouviu dizer que alguém morreu por falta de cinema ou futebol.



procura-se uma esposa

Pertenço ao grupo de pessoas conhecidas como «esposas». Sou ESPOSA. E não por acaso: também sou MÃE. Não faz muito tempo, um amigo meu apareceu lá em casa. Tinha acabado de se desquitar. Tem um filho que *naturalmente* está com a mãe, e ele está procurando outra esposa. Eu estava pensando nele no outro dia, enquanto passava roupa, quando de repente, eu pensei que eu também gostaria de ter uma esposa. Por que eu quero uma esposa? Eu gostaria de estudar mais para poder ser economicamente independente, poder me sustentar e se for necessário, poder sustentar os que dependem de mim. Quero uma esposa que trabalhe e me ajude a pagar os estudos e a sustentar a casa. Enquanto eu estudo, quero uma esposa que cuide de meus filhos. Quero uma esposa que lembre quando as crianças tem que ir ao médico ou ao dentista. E que também se lembre quando *eu* tenho que ir. Quero uma esposa que participe da educação dos meus filhos, que se preocupe com os estudos deles, que faça as lições com eles. Quero uma esposa que se encarregue de que eles tenham uma vida social adequada para sua idade, que leve as crianças ao parque, ao zoológico, etc. Quero uma esposa que cuide das crianças quando elas estiverem doentes, uma esposa que consiga estar sempre presente quando precisarem de atenção especial, porque, é claro, *eu* não posso faltar ao trabalho, nem às aulas. Ela precisa dar um jeito de poder faltar ao trabalho e não perder o emprego. Talvez isso acabe fazendo com que ela ganhe menos, mas acho que posso aguentar isso. É claro que cabe à minha esposa procurar alguém que cuide das crianças enquanto ela está no trabalho. Quero uma esposa que se preocupe com minhas necessidades físicas. Quero uma esposa que mantenha

a casa sempre limpa. Uma esposa que cate as coisas que as crianças deixam espalhadas pela casa, e as que eu deixo também. Quero uma esposa que lave, passe e costure minha roupa, que compre roupa nova para mim quando eu precisar, e que se preocupe que meus objetos pessoais estejam no devido lugar, para que eu os encontre quando precisar, no momento em que precisar. Quero uma esposa que seja boa cozinheira. Quero uma esposa que planeje o menu, que faça as compras, que sirva a comida sempre com uma aparência agradável e depois limpe tudo enquanto eu estudo, ou assisto jogo. Quero uma esposa que me cuide quando eu não estou bem e que simpatize com os meus maus momentos. Quero uma esposa que viaje nas férias com a família, para que alguém continue se preocupando com meus filhos quando eu precisar descansar e mudar de ambiente. Quero uma esposa que não me incomode com as queixas sobre os deveres de uma esposa. Mas quero uma esposa que me escute quando eu tiver meus problemas. E quero uma esposa que bata à máquina os meus trabalhos para o curso. Quero uma esposa que se preocupe com os detalhes de minha vida social. Quando meus amigos nos convidarem para sair à noite, quero uma esposa que se encarregue de arranjar alguém para ficar com as crianças. E quando eu quiser trazer meus amigos para a casa, quero uma esposa que veja que a casa esteja limpa, que prepare alguma comida mais especial, que nos sirva e não interrompa quando eu falar de coisas que interessam a mim e a meus amigos. Quero uma esposa que se preocupe que as crianças já estejam na cama antes que cheguem as visitas, para que elas não nos incomodem.

Quero uma esposa que atenda às necessidades de meus convidados para que se sintam à vontade, que eles tenham sempre um cinzeiro à mão, que os sirva sempre que queiram repetir alguma coisa, que encha de novo o copo de cada um quando for necessário, que sirva o cafezinho do jeito que eles gostam. Eu quero uma esposa que saiba que algumas vezes preciso sair sozinho à noite. Quero uma esposa que seja sensível às minhas necessidades sexuais, quero uma esposa que faça amor de forma apaixonada e foga quando me der vontade, uma esposa que se preocupe com que as nossas relações me deem o máximo de satisfação. E *naturalmente*, quero uma esposa que não exija atenção sexual quando eu não tiver vontade. Quero uma esposa que assuma ela mesma a responsabilidade de utilizar métodos anticoncepcionais, porque eu não quero mais filhos. Quero uma esposa que me seja fiel, para que nem meus estudos nem meu trabalho fiquem prejudicados pelo ciúme... e quero uma esposa que entenda que minhas necessidades sexuais podem implicar em algo mais que uma estrita monogamia, porque afinal de contas eu devo poder ter tantos casos quanto der. Se por acaso, encontrar outra pessoa mais adequada como esposa, do que a minha atual esposa, quero ter a liberdade de substituí-la. Naturalmente, espero ter uma vida totalmente nova: minha esposa vai ficar com os filhos e ser a única responsável por eles, de forma que eu possa ficar livre. E ir vê-los quando tiver saudade e tempo. Quando eu tiver terminado os meus estudos e conseguido um trabalho melhor, quero que minha esposa deixe seu trabalho e fique em casa para que possa se preocupar melhor dos deveres de uma esposa. *MEUS DEUS, quem não gostaria de ter uma esposa?*



· TRABALHO · TRABALHO · TRABALHO ·

direitos da Mulher

O trabalho da mulher é cada vez mais necessário e a participação dela no mercado de trabalho vai aumentando: até 1975, mais de 25 por cento das pessoas que trabalhavam em São Paulo eram mulheres. Mas é difícil desmanchar a imagem de que mulher está destinada a certos trabalhos e não a outros ou de que ela pode ganhar menos porque sempre vai poder recorrer a um marido, um pai, um irmão. A própria legislação trabalhista, na intenção de proteger especialmente o trabalho da mulher, às vezes dá origem à discriminação. Pelo fato das mulheres grávidas deverem receber certos privilégios, muitas empresas dão preferência a mulheres solteiras. Em 1970, o número de mulheres solteiras trabalhando era quase três vezes o número de mulheres casadas. É importante então que a mulher saiba exatamente quais são os seus direitos.

Trabalho igual, salário igual

É proibido renumerar o trabalhador diferentemente por razões de sexo. A mulher com a mesma habilitação profissional pode exercer o mesmo cargo que um homem e no mesmo cargo, ela não pode ganhar menos do que ele.

Casamento não quer dizer demissão

A lei proíbe ao empregador despedir a mulher que se casa. Isto só pode acontecer

se o contrato de trabalho for extinto injustamente.

Gravidez também não

A não ser que tenha cometido falta grave, a gestante não pode ser demitida. Ao ser comprovada a gravidez, a mulher deve procurar um médico da Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho, das Delegacias Regionais do Trabalho, ou qualquer outro serviço médico federal, estadual ou municipal, para obter o atestado de gravidez. Este atestado, ao ser encaminhado ao departamento de pessoal da empresa onde se trabalha, evita que a mulher seja demitida durante a gravidez e até sessenta dias após o período de licença. Também é proibido o trabalho da mulher quatro semanas antes e oito semanas depois do parto. O médico deve dar o atestado autorizando a licença. Se houver necessidade, o médico poderá aumentar esta licença por lei, por mais duas semanas antes e duas depois do parto.

Durante o período de licença a mulher terá direito aos seus salários integrais.

Durante a gestação, a mulher tem direito, ainda, à assistência médica gratuita (do INPS) e a um salário mínimo (auxílio à natalidade). Na falta de INPS na cidade, terá direito a mais dois salários mínimos.

Por lei, durante a gravidez, a mulher não

pode trabalhar em máquinas que trepidam, locais muito quentes ou muito frios, pois isso é prejudicial ao bebê. Quando acontece isto, o empregador é obrigado a mudar a funcionária de posto, sem diminuir o seu salário.

O bebê também tem direitos

Depois do nascimento do bebê, a lei passa a protegê-lo. Toda empresa que tiver mais de 30 funcionárias com mais de 16 anos de idade, é obrigada a montar creche ou berçário, onde o bebê ficará até os seis meses. Lá ele deve ser amamentado pela mãe, que terá direito a dois descansos de meia hora, além, naturalmente dos intervalos normais para descanso e alimentação. O não cumprimento dessa lei, causando prejuízo à empregada e a seu filho, constitui justa causa para a empregada considerar extinto seu contrato de trabalho, com direito à indenização, 13º proporcional, férias proporcionais, um mês de aviso prévio e direito a retirar o fundo de garantia (FGTS).

Horários de trabalho e aposentadoria

A duração normal da jornada de trabalho é de oito horas. Horas extras só podem ocorrer, com autorização médica. E mesmo assim, o total de horas trabalhadas não pode passar de 48 horas semanais. O sala-

rio da hora extra será pelo menos 20% maior que a hora normal de trabalho. A prorrogação do horário de trabalho da mulher só pode ser feita no período diurno das 5 às 22 horas. O trabalho noturno só é permitido em estabelecimentos de ensino, bancários, empresas de telefonia, radiotelefonía, radiotelegrafia, serviços de enfermagem, casas de diversão, hotéis, restaurantes, bares estabelecimentos congêneres.

As leis que regem o trabalho feminino, tem como objetivo proteger a saúde, e principalmente os órgãos reprodutores; assim, são proibidos trabalhos pesados, não podendo a mulher carregar mais de 20 quilos continuamente ou 25 em tarefas ocasionais. A mulher não pode trabalhar em construções, subterrâneos, minerações e pedreiras. A empregada pode exigir, no local de trabalho, ventilação, iluminação e higiene.

Lute por seus direitos

O primeiro passo deve ser a sua sindicalização. Procure o sindicato de classe ao qual você pertence. Se tiver queixas do seu empregador, dirija-se ao seu sindicato, eles dão assistência jurídica através de seus advogados; ou diretamente à justiça do Trabalho, onde é só preencher um tempo de reclamação, dizendo exatamente quais são as queixas, contra quem são feitas e o que espera receber.

... dinheiro do marido não dá e ela não pode trabalhar fora: Maria de Lurdes conta dos bicos que faz em casa para sobreviver.

Como ela, muitas mulheres, que não constam das estatísticas, trabalham muito, e ganham

UM DINHEIRINHO PINGADO

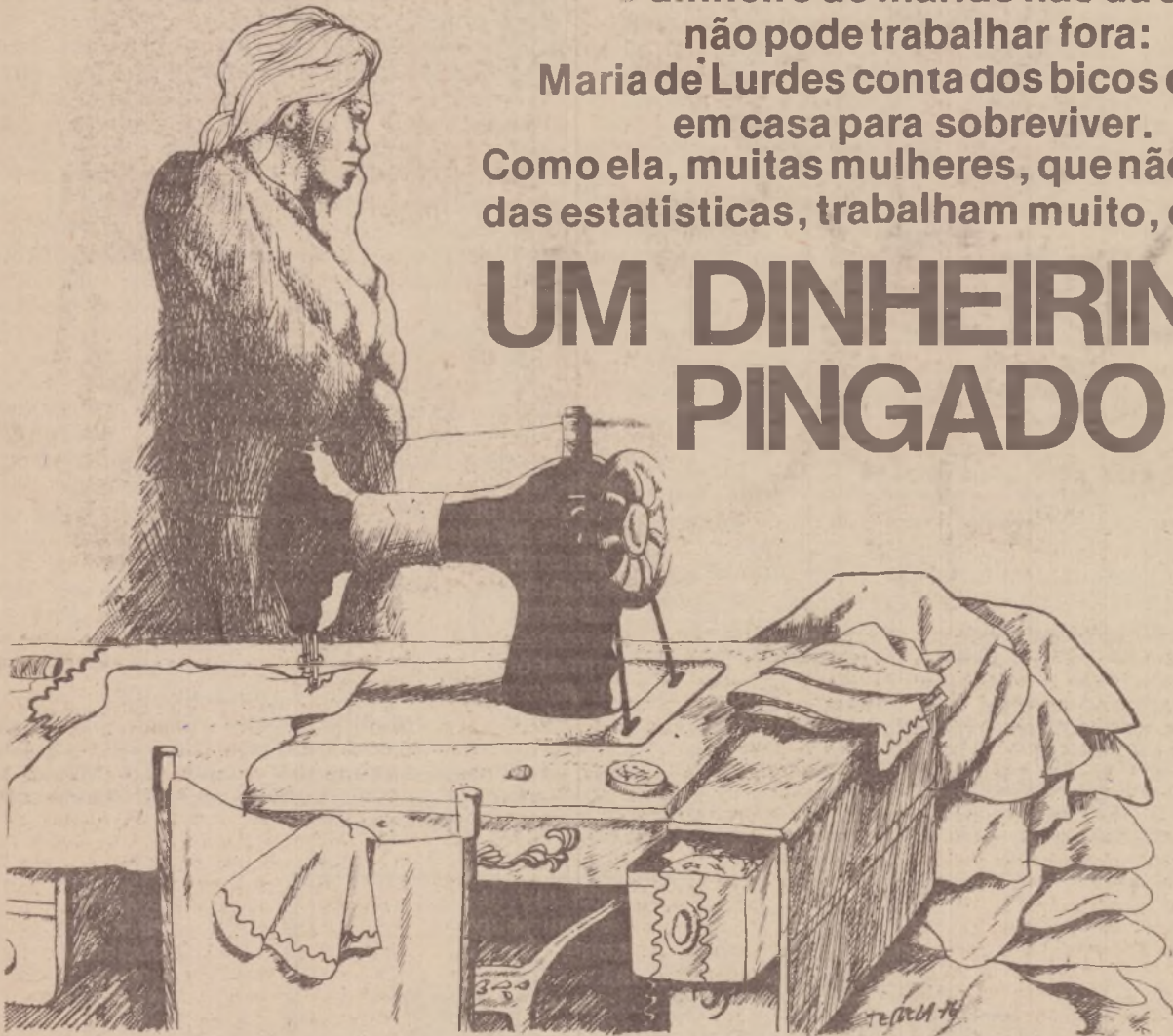
nando no fim da tarde sem fazer nada de serviço em casa. Tem que largar brasa no fim da tarde sem fazer nada de serviço em casa. Tem que largar brasa nos cavalinhos. As vezes, dá para fazer 500 cavalinhos, então ganho Cr\$7,50 no dia».

Desta maneira, se Maria de Lurdes ficar o dia inteiro só pintando cavalinhos, um trabalho que exige minúcia e paciência, e se fizer isto os 30 dias do mês, sem descanso, ela receberá, ao final, 225 cruzeiros. Se estivesse regularmente empregada na fábrica teria de receber, pelo menos, o salário mínimo. Além disso, teria alguma garantia no caso de doença. Inúmeras são as formas que os sub-emprego pode assumir mas todas elas tem em comum um aspecto: a baixíssima renumeração recebida. Assim, colar e arrumar caixas de panetones (em época de natal) a Cr\$1,50 o milheiro; bordar calçinha de criança, pelo que se recebe Cr\$ 3,00 por dúzia; costurar sacolas de plástico, como conta Maria de Lurdes: «... eu vou buscar na fábrica um pacotão pesado e costuro os tres lado da sacola. Prá costurar, estas sacolas eles pagam 6 cruzeiros o milheiro, **dando linha e máquina**». Há também o caso da fábrica de camisas. Tudo o que é feito dentro da fábrica é o trabalho de cortar as camisas. Depois, elas são distribuídas entre mulheres, como Maria de Lurdes, que costurarão as camisas em suas casas. A fábrica vende estas camisas por 40 cruzeiros e Maria de Lurdes recebe a quantia, quase ridícula, de Cr\$1,00, no caso de camisas de homem.

A lista de tarefas ligadas a esta «indústria doméstica» não termina aí. Existem os pijamas de criança, que Maria de Lurdes vai buscar na fábrica para costurar, recebendo um cruzeiro por unidade; existem as rodinhas para serem colocadas em carrinhos de plástico a dois cruzeiros o milheiro. «Tem uma senhora que ganha setenta cruzeiros por mês prá fazer isso aí e ela fica o dia inteiro».

Lavar roupa para fora é um trabalho que as mulheres consideram bem pago pois recebem de 5 a 10 cruzeiros pela dúzia de roupa lavada e, quando também passam, o pagamento chega a 15 cruzeiros a dúzia.

Estes são apenas alguns exemplos de sub-emprego feminino. Mas são suficientes para mostrar o imenso sacrifício de milhares de mulheres que, por quantias mínimas de dinheiro, passam noites e dias em trabalhos monotônicos, repetitivos e cansativos. E a importância da pequena quantia que ganham é tão grande, pois dela depende também a sobrevivência de sua família, que mulheres como Maria de Lurdes lamentam apenas a falta de mais trabalho: «Acontece um problema sério comigo. Quando arrumo esses serviços dá prá quebrar o galho. Mas, quando não arrumo, o negócio é pegar uma roupa ou alguns pratos e fazer rifa entre as vizinhas. Eu faço isso porque está se aproximando o dia de comprar gás, pagou aluguel e o que a gente tem não dá. As vezes eu vendo algumas coisas, mas quando não dá prá vender eu faço a rifa».



A grande maioria das mulheres brasileiras trabalha e trabalha bastante. É só olharmos ao nosso redor para vermos mulheres lavando, cozinhando, cuidando de crianças, carregando cestas de feira e exercendo muitas outras atividades domésticas. No entanto, quando a mulher faz o trabalho doméstico para sua família ela não recebe dinheiro em troca, isto é, seu trabalho não é remunerado. É com o salário do marido que os alimentos serão comprados, o aluguel da casa pago, etc. Assim, é através da união entre o trabalho doméstico da mulher e o trabalho remunerado do marido que as necessidades fundamentais da família podem ser feitas.

No entanto, são inúmeras as circunstâncias que tornam indispensável que se consiga um dinheiro a mais. A mulher está disposta a fazer um trabalho a mais, a fazer também algo que seja pago. Ai se colocam os problemas: trabalhar no que, como, com que salário? Tudo que grande

parte das mulheres fazem está ligado ao trabalho doméstico (costura, cozinha, etc). Além disso, aonde deixar as crianças pequenas? Então, a mulher vai procurar um trabalho que possa ser feito em casa.

É o que nos conta Maria de Lurdes, casada, 32 anos e mãe de 4 filhos: «O que acontece é aquela situação: as coisas não dão nem prá comida. Então, a mulher tem que sair. Mas, como cuidar dos filhos, com quem deixá-los? Eu consegui creche, mas a creche não fica à disposição o tempo todo. Então, o emprego que eu consigo é sempre assim: pegar costuras prá arrematar, e outras coisas que se consegue em oficinas perto de casa: camisas, blusas, lençóis, e mesmo assim é difícil. Prá arrematar blusas pagam Cr\$0,30 cada uma. Pelo lençol que vou costurar, fazer barra, ganho Cr\$0,50 ou Cr\$0,55 (feitos à máquina). As vezes, uma outra mulher da vizinhança consegue bastante trabalho numa oficina, então reparte um pouquinho comigo e outras mulheres.

Dá uns lençóis prá uma, outros lençóis prá outra e assim se divide o trabalho.»

O que Maria de Lurdes, como milhares de outras mulheres, conseguiu, na verdade, foi um sub-emprego. Isto é, como existe uma grande quantidade de pessoas querendo trabalhar e não há emprego para todos, começaram a aparecer uma enorme variedade de «bicos». Ao invés da fábrica pagar um salário para uma trabalhadora fixa fica muito mais lucrativo pagar para alguém que faça os mesmos trabalhos (arrematar roupas, pintar brinquedos, costurar sacolas plásticas, etc.) em casa. A fábrica não tem de registrar estas pessoas nem de pagar nenhum encargo social (férias, etc.). A própria Maria de Lurdes nos conta sobre a miséria que recebe como pagamento: «Tem também uns cavalinhos de plásticos que a gente leva prá casa prá colar. Eu pego na fábrica, colo e pinto com tinta de cinco cores. Por esse trabalho recebo Cr\$15,00 o milheiro. Isso, pegando cedinho e termi-

·TRABALHO·TRABALHO·TRABALHO· NA CASA DOS OUTROS

**Cozinheiras, arrumadeiras, lavadeiras, diaristas,
elas representam 32% da força de trabalho feminina.**

**Que não têm limites no horário de trabalho,
dormem num quarto de despejo,
cortadas de seu meio social, sem entretanto pertencer
àquele no qual vivem durante 6 dias por semana,
e ganhando um salário arbitrário.**

**Em São Paulo, elas são 300 mil; no Rio, 200 mil.
Quantas serão pelo resto do Brasil? Qual a sua história?**

Eu tenho 34 anos, nasci em 1941. Eu vim do interior, faz mais ou menos dez anos. Meu pai trabalhava na roça de café e o dinheiro só vinha no fim do ano, quando vendia o café. Ele era colono, depois meeiro. Primeiro dividia: metade pro dono, metade pra ele, depois foi mudando e cada ano diminuía mais a parte dele. De primeiro o dono dava uma terra pra gente cultivar arroz, mandioca, feijão, que era pra gente comer. Ai foi diminuindo a terra e chegou um tempo que a gente tinha que comprar tudo fora. Ai ficou ruim, a gente não tinha o que comer. Meu pai teve dez filhos. Ele pôs meus dois irmãos mais velhos na escola, mas teve que tirar, não dava. As escolas exigiam uniforme, material, e ele não podia comprar. Agora, eu e minha irmã, ele disse que não precisavamos era mulher. Meu pai teve dois filhos que morreram, meu pai sofreu muito. A gente não ia no médico, a gente ia no farmacêutico, que era que nem um médico. Agora quando a gente precisava de medico mesmo, o patrão pagava e depois descontava do ordenado. A gente não via o dinheiro. Aqui a gente trabalha mas chega no fim do mes recebe o dinheiro. Lá, não. Meu pai queria ficar na lavoura, mas quando viu que ia ficar sózinho, ele comprou uma casa em Iracema, cidadezinha muito boa, e nós fomos morar lá. Ele foi trabalhar na serraria do irmão dele, mas o irmão não pagava, então ele foi pro Mato Grosso. Arranjou umas terras e trabalhava lá, vinha ver a gente cada três meses.

Foi aí que eu vim para São Paulo, eu ganhava 25 contos e me ofereceram 40. Eu vim trabalhar com uma família. Eu nunca tinha ficado longe da minha família, aqui era tudo diferente. Era uma casa enorme e eu tinha que fazer tudo: lavar, passar, encerar e ajudar na cozinha. Eu chorava muito, me sentia muito sózinha. Eu achava que ela (a patroa) se aproveitava de mim. Quando eu vim, ela prometeu me levar na casa de meu irmão, que morava em Osasco. Mas passaram 28 dias e nada. Até que um dia eu comecei a chorar e lembrei ela da promessa, aí ela me levou. Cheguei lá e falei tudo pra ele, na frente dela: que eu não estava gostando e queria voltar. Ele falou que não dava, que eu tinha que me acostumar. Eu não queria continuar com a dona Maria. Ela não era fácil, nenhuma empregada parava na casa dela. A gente não podia ir nem no portão. Minha mãe tinha medo, por causa das histórias que ela ouvia de São Paulo, e tinha recomendado que não deixassem eu sair. **Eu era uma prisioneira.**

A dona Maria tinha um filho de doze anos, que era aleijado, e um irmão, desses que querem agarrar a gente. Foi também por isso que eu sai, eu não gostava dele. Ela punha o despertador para tocar as cinco da manhã e eu deitava as dez. Não tinha folga, nem domingo, feriado, nada, era direto.

Eu tive uma recaída de varíola e não tinha dinheiro para comprar remédio e trabalhava mesmo doente. Ai resolvi sair e ir pra casa de meu irmão. Eu não sabia como ir, fui falar com minha irmã, mas ela era muito medrosa, não quis sair comigo. Minha irmã era muito medrosa, eu não, e graças a Deus sempre me dei bem com as minhas patroas, só briguei por causa de

minha irmã, porque onde ela trabalhava, quando sumia alguma coisa, punham a culpanela. Ai eu fui sózinha pra casa do meu irmão, rodei, rodei, até que achei. Meu irmão ficou bobo quando me viu. Mas eu não podia ficar lá porque ele morava com o cunhado dele e eles iam ser despejados porque as crianças viviam doentes e não sobrava dinheiro pro aluguel, ia tudo em remédio. Meu irmão trabalhava na fábrica de fósforos Granado, mas ele não recebia porque a cooperativa descontava a comida e a farmácia, não sobrava nada.

Tinha uma chácara lá perto e eu fui ver se não precisavam de empregada. Morava lá uma senhora muito boa que me arranhou emprego com a filha dela. Fui trabalhar com a dona Nilza e ela me pagava 70 contos, a dona Maria me pagava 40. Ela gostava muito de mim, eu trabalhei lá durante dois anos. Ela ajudava muito a gente, dava roupa pra mim, pro meu irmão e meus sobrinhos. Ela tinha quatro filhos - eu gostava muito dos dois menores. Eu sai porque ela foi pra Santos e eu fiquei com medo de ir cada vez mais longe da minha família, aqui eu tinha meu irmão e uma irmã.

Fui trabalhar na rua Carolina. Ganhando 80 contos, mas não fiquei, o trabalho era muito pesado. Nessa casa da rua Carolina eu tinha que fazer tudo, passar, lavar, cozinhar, limpar a casa e levar as três filhas dela na escola. Não dava né? Ela trabalhava, era professora. Ela era muito boazinha mas o serviço era muito para mim. Fui pra casa do meu irmão por dois dias e depois fui trabalhar com uma família de espanhóis que morava ali perto. Mas não deu certo. Ai fui trabalhar na Capote Valente, de 80 contos que eu estava ganhando, fui ganhar 50. Fiquei três anos, eu gostava muito dessa família. Era a mulher, o velho, a filha viúva e uma menina adotiva. Ela era pobre e precisava trabalhar por que a mãe era doente. Ela disse que quando ela ganhasse mais ela me

pagava mais, e depois de três meses ela me aumentou para 60.

(Gritando para os filhos, no quarto: Vocês estão pulando em cima da cama? Vozes de crianças: Tamos. Ela: Peral, que vocês vão apanhar!)

Ai eu fiquei ali até quando eu aarumei esse casamento. Meu marido trabalhava lá perto numa fábrica de peças de automóveis e a minha patroa trabalhava lá também. Lá eu tinha folga. Quando eu precisava sair, eu avisava e saía, era como se eu estivesse na minha casa. Ai eu casei, fiz sete anos, eu casei e depois de dois meses eu tava esperando criança. Quando eu casei eu fiquei um tempo sem trabalhar, depois fiquei doente quando tava esperando o Wagner. Ai, meu marido ganhava aquele pouquinho: 90 contos. Não dava e então eu fui trabalhar, pegava roupa pra lavar. Naquela época não rendia, só dez contos. Mas hoje dizem que dá. Nós temos um poço muito bom, graças a Deus nunca faltou água pro serviço. Agora nós pagamos 300 contos para água (encanada), mas até agora não deram. É 300 contos por família, passaram a lista pra gente assinar. Uns dizem que é de graça, outros que não é. Não sei. Eu dei 150 e minha cunhada deu 150. Mas no nosso poço nunca faltou água. Naquela época meu marido trabalhava na fábrica de pneus e usava um pano que no fim do mes o dono dava um pedaço e eu lavava bem e fazia as fraldas dos meus filhos, fiz também para a cozinheira (da casa para quem lavava) e até hoje ela não esquece de mim. Eu não pago INPS, eu já tive várias patroas que ofereceram pra mim, mas eu nunca quis. A gente já ganhava pouco, se descontar não dá. Meu marido paga, ele começou a trabalhar cedo e ele não é desses que vivem saindo do emprego. Fica sempre quatro, cinco anos num emprego. O meu marido, ele trabalha num depósito de cigarros, né? Na Souza Cruz, mas trabalha de servente, né? Não tem profissão que

ganha bem. Tira 1500 por mes. Então eu preciso trabalhar, o salário dele não dá de jeito nenhum.

Trabalhar por dia cansa muito, agora eu já comecei a fazer tratamento, tui no médico. Acho que é friagem, a gente trabalha só de chinelo, no molhado. Minha barriga incha e da uma dor por baixo, parece cólica mas não é, não desce. Eu fui no médico e fiquei besta: agora todas as mulheres tem que operar. Minha sobrinha só tem 23 anos e tem que operar a bexiga e o útero. O Wagner foi tirado a ferro, dizem que as crianças são muito grandes. Meus filhos nasceram grandes, são pequenos porque ficaram doentes, bronquite, resfriado. O médico disse que bronquite não sara.

Eu levava o Wagner num parquinho lá na Vila Gomes, aqui não tem. Diz que vão fazer, da prefeitura. Era bom, tem gente que tem uma penca de filhos. Se deixa os filhos sozinhos eles ficam doentes e a gente gasta mais ainda. A gente paga 20 contos o parquinho e tem que comprar as roupas, de calor e de frio. Eu tirei ele de lá porque não dava pra pagar ônibus, material, uinifome. E as mães do bairro tavam reclamando. Nossa! A gente vê que elas tem de tudo, sobradinho, carro. Nós é que devíamos reclamar, nós não temos possibilidades. Elas reclamavam que eles pediam papel higiênico, guardanapo de papel, mas o problema é a condução, não dá pra pagar. É quatro contos todo dia, só de ônibus. A perua tá cobrando, para vir aqui, 140 contos, pra gente não dá. As vezes eu e meu marido discutimos isso, mas a gente vê que não pode pagar. Tem que ser franco. Eu queria por ele nesse grupo aqui perto, mas acho que eles não pegam, ele faz sete só no meio do ano. Se bem que vai ficar caro, só de uniforme... Eu não sei o que eu gostaria que eles fizessem no futuro, nunca pensei nisso. A gente pensa no presente. O que eu penso é ter um lugar pra deixar eles pra eu poder trabalhar.



FOTO CRIAÇÃO

KS



GF



QY



ZR



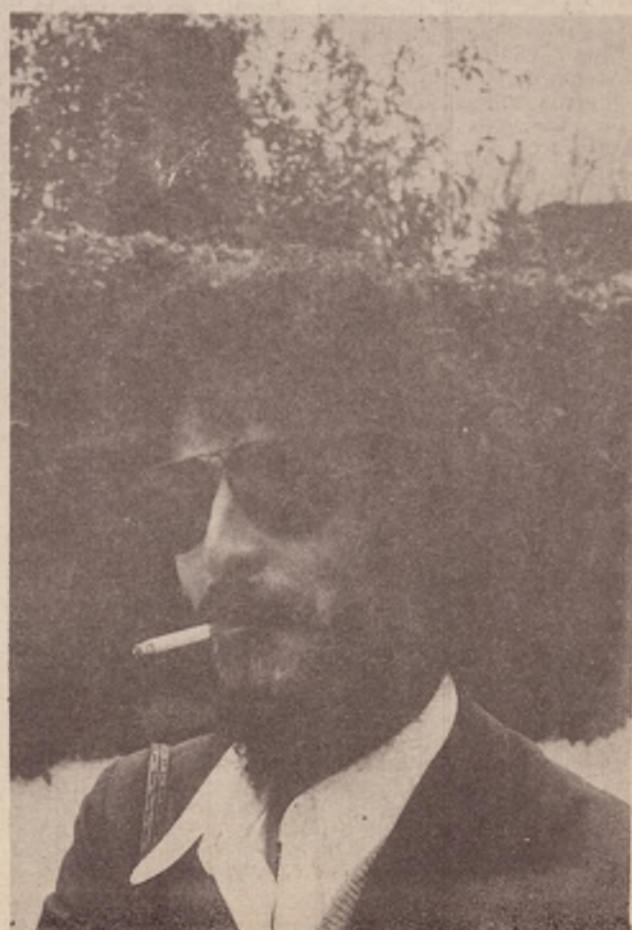
WJ



UK



FP



nós mulheres: OPERÁRIAS

Este documento sobre mulheres vai estar também presente nos nossos próximos números. Hoje somos **nós mulheres operárias**, mais adiante seremos **nós mulheres bóias frias, nós mulheres empregadas, nós mulheres bancárias** e por aí afora. Por que **nós** achamos que é importante saber o que cada uma dessas mulheres, em situações tão diferentes, tem a nos ensinar sobre nossas semelhanças e diferenças.

QUANDO O APITO DA FÁBRICA DE TECIDO...

Olga, tecelã durante 22 anos, agora afastada de trabalho em consequência das próprias condições de seu trabalho, casada, fala de sua experiência como mulher trabalhadora e dona de casa.

«Eu por mim fazia uma greve entre as mulheres, uma greve do lar»

- Puxa vida! Vou te dizer! O trabalho mais desgraçado que existe - eu sempre trabalhei em fábrica e trabalhei na enxada - mas eu acho que o pior de tudo é ser dona de casa. É o pior serviço que tem. Você trabalha na enxada, você vai carpir um pedaço de terra, quando você chegou no fim, você carpiu. Aquela terra tá carpada. Durante um mês você não tem que fazer mais nada. Se você tá trabalhando nos teares, quando terminou sua hora, você deixa pra outra continuar o serviço e terminou. Agora, em casa, você não termina nunca. Serviço de casa não termina nunca. Você acabou de lavar uma xícara, daí cinco minutos ela está suja no mesmo lugar de onde você tinha tirado ela antes. Então você não ganha nada, trabalha o dia inteiro, e, outra coisa, se já não bastasse você não receber um tostão por esse serviço, ninguém reconhece. Então eu diria assim: nós mulheres devíamos parar. Não muito, só dez dias nós devíamos pegar de férias, todas as donas de casa, pra ver o que acontece, porque ninguém dá valor nenhum. Eu por mim fazia uma greve entre as mulheres, uma greve do lar.

- Eu geralmente aqui em casa sou o ministro da Saúde, Finanças, sou acho que tudo, ministro da Economia, tesoureira, sou a enfermeira, a cozinheira, a costureira, a lavadeira, eu sou tudo aqui dentro. Então se eu vou fazer um salário pra cada coisa que eu faço, eu ia ganhar muito dinheiro. Então, não é questão de nós querermos nos igualar a eles. Eu gostaria de igualar ao ordenado deles, e as regalias deles. Se um homem pode se aposentar com trinta anos de serviço, nós também podemos. Com trinta anos de serviço, oito horas por dia, com sábado, domingo e feriados que são 104 parece que por ano, e mais dez dias santos de guarda, seriam 114, mais os 28 dias de férias que nós teríamos os mesmos direitos, sem ficar no fogão fazendo comida, porque férias da mulher é na cozinha. Então você tira as férias da fábrica e fica enfiada dentro de casa. Isso não é férias. Então eu acho que nós devíamos querer as mesmas regalias que querem os homens.

Se os homens escutar eu falar isso, vão dizer que eu quero ficar com um charuto na boca, lendo jornal, enquanto eles fazem a comida, não é isso. Eu acho que fim de semana a gente devia ir comer fora, ninguém devia trabalhar. Já que trabalham os dois durante a semana, então fim de semana a gente comeria fora ou então vamos fazer um lanche. Como aqui em casa. Se eu resolvo fazer um lanche, meu marido me ajuda. Então os dois entra na mesma idéia, nós entramos com aquele entusiasmo pra fazer um lanche, vamos fazer um lanche diferente, uma receita que nós vimos, vamos tirar. Então a gente faz os dois em comum, aí fica mais leve, não o peso todo nas costas da mulher. Já a maioria não, a maioria



fica em casa ou vai jogar bola, e a mulher fica fazendo comida. Ou eles ficam lendo o jornal e a mulher que trabalha. Mulher não tem sábado, não tem domingo, feriado, dia santo, Natal - ela trabalha mais do que os outros e acabou, não tem dia nenhum. A verdade é essa mesmo, por mais que a gente pule é como a minhoca no formigueiro, por mais que ela pule, ela sai sempre mordida. Então eu queria que as nossas regalias fossem iguais as dos homens: ordenados iguais para serviços iguais. Se fazemos as mesmas coisas podemos ganhar o mesmo ordenado. Esse negócio de subir acima dos homens como muita gente se entusiasma aí, eu sou contra, eu acho que nós devemos lutar ombro a ombro. Ninguém subir nas costas de ninguém.

«Eu acho que as mulheres deviam participar muito mais»

-Os homens acham que as mulheres tem que ganhar menos, podem ganhar menos. Eu não sei se é porque nós comemos menos, geralmente a gente faz regime, né? Deve ser mais ou menos isso, porque eu não sei de onde tiraram esta idéia que a mulher deve ganhar menos. Nós pagamos a mesma condução, o arroz que comemos é o mesmo preço do dos maridos e a carne é a mesma coisa, mas não sei porque temos que ganhar menos do que eles francamente. Vai ver que é por causa do regime, no meu caso. Agora, os outros que é magro, eu não sei. Nós precisamos fazer alguma coisa, né? Agora, eu não estou muito animada porque o pessoal está difícil, mulher está difícil, eu não sei o que elas estão pensando. A maioria entende errado este movimento feminista. A maioria entende que o movimento feminino é gostar de outra mulher. Então tá todo mundo indo pra trás. É lógico, aí até eu ia pra trás. O caso não é bem esse, o caso

seria um movimento feminino não contra os homens, mas a favor dos homens. Um movimento de apoio, tanto é que os metalúrgicos lutam, eles ganham qualquer batalha porque eles se unem. Os homens se unem para lutar por dinheiro, as mulheres não se unem nem por dinheiro.

- Eu não sei porque. Não sei se é cansaço, se é falta de entusiasmo, eu não sei. Porque eu vejo, eu vou a um baile e eu danço também. Quando sobra tempo sábado a noite, eu vou dançar. Eu vou em baile e vejo um bando de mulheres animadas, cantando e dançando e eu não sei porque elas não usam essa animação também no serviço, em alguma coisa mais construtiva, na participação da vida social do país. Eu acho que as mulheres deviam participar muito mais. Mas não participam quase nada. Por causa desses problemas de casa a mulher não pode participar no sindicato. Uma, que o marido não deixa. O marido brasileiro é engraçado, só deixa a mulher sair pra trabalhar. Por isso que umas e outras diz que vão sair pra trabalhar e não vão. Tão certas elas. Então, sair pra uma participação numa assembleia é uma briga. Cada vez que tem uma assembleia, eles não deixam sair, porque diz que vai reunir, então vai ver outros homens. Então na assembleia não é pra ir. A maioria não vai. Se vê que nas assembleias vai mais homens e o nosso sindicato a maior força é mulher - noventa por cento das tecelãs são mulheres. Mas a maioria que vai em assembleia são os homens porque a assembleia é geralmente a noite ou de domingo e então ou as mulheres estão em casa e os maridos não deixam sair ou, aos domingos, elas tem muito que fazer, ou outras estão trabalhando na parte da tarde. Como eu sempre trabalhava a tarde, das duas as dez horas, então eu também não ia na assembleia, mas não ia porque estava trabalhando porque pra mim o meu marido não se importava. Importava só se fosse domingo de manhã, porque aí atrapalhava o almoço dele, não propriamente por ciúmes, por comodidade, eu tinha que ficar em casa

nós mulheres: OPERÁRIAS

também. Acho que os outros são ainda pior, porque o meu não é ciumento e os outros tem ciúme, além da comodidade, da serventia, da escravidão da mulher. A maioria vive enfiada dentro de casa e pra ela poder trabalhar precisa pedir pelo amor de Deus pro marido, e também pra poder por os filhos na creche.

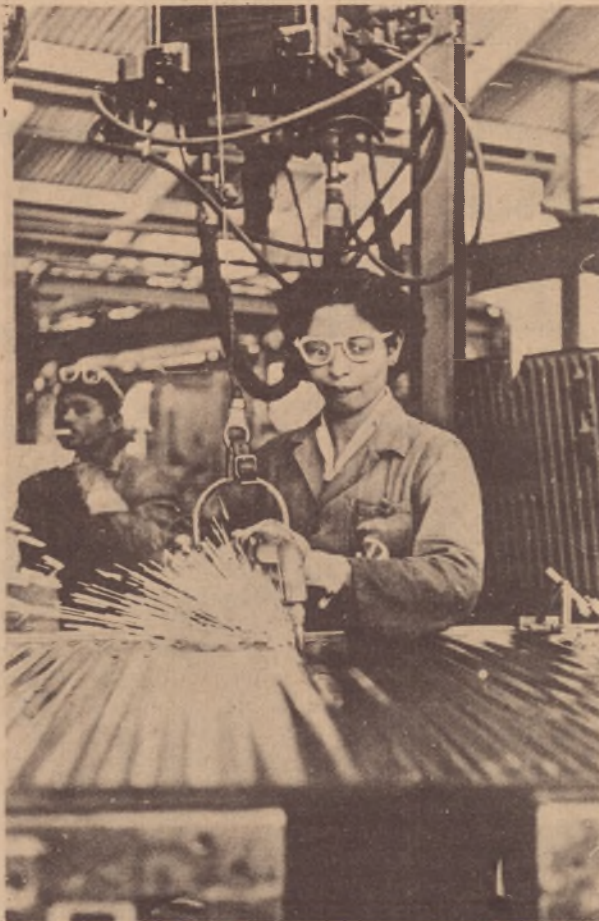
- Então, como é que você vai conseguir chegar a elas pra fazer reunião? Teria que ser através do rádio, televisão, através de jornal. Porque a maioria das mulheres estão tão bitoladas em novela, que elas só ficam chorando na novela. Elas não choram por causa dos filhos dela que estão morrendo de fome. Elas choram por causa da novela que estão passando de mentira. Eu não sei o que eu faria pra melhorar essas mulheres, tem hora que eu tenho vontade de dar uma surra nelas. A própria vida tá batendo nelas, mas elas não vê.

«Uma porção de coisinhas que seguram uma mulher no emprego»

- A maioria sabe dos direitos delas mas não faz nada. Ou a pessoa está trabalhando perto do serviço e tem medo de ser mandada embora. O meu caso não era esse porque eu nunca tive medo de ser mandada embora. Eu gosto de trabalhar e sei trabalhar, então se me mandam embora daqui eu vou trabalhar em outro lugar, porque conheço a minha profissão, eu sei que não tem problema. Mas a maioria são acomodadas. Então: umas moram perto, outras estão acostumadas com o chefe, outras gostam do chefe, dos contramestres, com um amor um pouquinho maior do que devia, outras porque gostam da parceira que está trabalhando com ela e tem medo de encontrar uma parceira que não combine. Uma porção de coisinhas que seguram uma mulher no emprego. Então elas passam por cima de uma porção de coisas. A maioria delas está perdendo dinheiro, mas perdendo dinheiro feio e elas não abrem processo por causa de todas essas coisinhas aí.

- Pagamento. Pagamento é a última coisa que os patrões pensam em pagar pra gente. Eles pensam em tudo, em passar a mão nas empregadas, cantar as empregadas, há até aquelas que se vendem por um lugarzinho mais alto que as outras, mas o fator moeda, aí é mais difícil. Inclusive na última firma que eu trabalhei tinha um mestre que não era de cantar, não. Ele era muito bonito. Quer dizer... em terra de cego, quem tem um olho é rei. Mas ele era o único que tinha um olho. Ele tinha um sorriso tão bonito que por causa disso todo mundo ficava quieto e topava qualquer coisa só pra ver o homem sorrindo - era pra ele não ficar danado. Quando eu entrei na firma, elas ficaram tudo na marcação, achando que era mais uma para entrar no rol. Mas eu não, eu sempre entrei na firma pra ganhar dinheiro. Então quando o aumento não apareceu eu perguntei pra moças: «vocês foram falar?», porque elas eram mais velhas de firma, tinham mais amizade como o homem. «Vocês perguntaram pro chefe aí quando é que vai sair o aumento?» «Ah, eu fui falar com ele, mas o seu José disse que vai sair no mes que vem» e não sei mais o que. Aí eu disse: «O homem sorriu e vocês calaram todas». Todo mundo desconversou, e eu disse: «É isso mesmo. O dia que o vendeiro aceitar o meu sorriso como pagamento da mercadoria que eu levo pra casa, eu aceito, mas enquanto ele não aceitar, eu também não aceito». O homem ficou na marcação comigo, ficou de mal, até eu ter que apelar pra ser mandada embora. Eu tinha um patrão que já chegava e vinha pondo as mãos nos ombros de todo mundo. Aí, um dia eu perguntei pra ele, meio na brincadeira, porque é que ele fazia isso. Ele disse: «é porque eu gosto de por as mãos nas bonitas e como eu não posso fazer isso só com as bonitas, eu tenho que por as mãos em todas, senão fica mal.»

- Geralmente os patrões só aceitam homens como chefe. Mulher quando é chefe, fica chefe de sala de pano, onde você compra roupa - uma chefinha assim de terceira categoria, porque chefe mesmo é homem,



todos eles. Mulher tem capacidade, mas eles não põem mulher como chefe. Em todos os lugares em que trabalhei, era tudo homem: o gerente, o mestre, o contramestre, era tudo homem. Desde o ajudante. Agora, tem vigia mulher. Em todas as fábricas, desde as menores até as maiores, existem as espãs. Isto é o maior problema das tecelagens. Eu acho que quando a gente descobrisse um devia linchar, ele ou ela, no caso. Porque eu não admito isso. Na textil Mococa tinha as vigias que ficavam marcando no relógio quantos minutos você ficava no banheiro. Eu acho que isso é uma escravidão desgraçada, porque se a pessoa está desarranjada, está frita, porque tem que marcar hora pra entrar e pra sair.

«Todos os chefes são homens»

- E o banheiro em geral é fora. Não sei se você conhece uma tecelagem: a gente tem que passar o fio numa malhinha muito pequeninha e depois o pente é mais ou menos como o burquinho de uma agulha e você tem que enfiar os fios um por vez. E os pentes são muitos fininhos, muito mais fino que pente fino, e você tem que ter uma lâmpada perto e uma vista muito boa. As luzes geralmente ficam muito embaixo pra você enxergar e nesse caso ela esquenta. A temperatura lá dentro não é brincadeira, é sempre quente. Agora vocês saíam lá fora embaixo da chuva, é fogo. Tanto que eu fiquei com quatro bicos de papagaio - é uma calcificação na espinha, de friagem de ir ao banheiro na chuva. E a luz prejudica os olhos, a maioria do pessoal usa óculos, eu também uso. As condições de trabalho em geral são uma tristeza. Geralmente não se tem bebedouro, a pessoa tem que levar uma moringuinha de água e pôr embaixo dos teares. Agora, não, ultimamente parece que estão dando em cima e está havendo um pouco de limpeza. Mas no tempo que eu estava trabalhando era uma porcária. Não tinha lugar pra comer, não tinha lugar pra sentar. As vezes você comia mesmo no meio dos teares, sentava num banquinho ou caixão, na caixa das espulas, e comia aí mesmo. amontoada como qualquer coisa, uma coisa triste.

- Mas quem é que vai andar atrás da lei? Quem olha a lei? Os fiscais entram aí, entram no dinheiro e pronto. Não verificam e se verificam fazem olho cego.

O sindicato, quando a gente reclama, aí eles tomam providência, mas a maioria tem medo de prejudicar a firma, medo de criar encrenca. Eu sempre tive as costas quentes no sindicato e como sou sócia há muito tempo então eu falava: «Vamos abrir um processo, que eu entro primeiro, eu assino em primeiro lugar», porque ninguém quer ser a cabeça. Então eu assinava em primeiro lugar e todo mundo assinava depois de mim - as que iam entrar no processo. Aí eu era mandada embora e as outras ficavam na fábrica. É. Mas eu nunca saí sem o meu não. Não me preocupo porque eu era mandada embora mas eu recebia o meu dinheiro. Não perdi uma, porque eu sempre lutava por uma causa justa. Eu nunca briguei por brigar. Eu brigo porque está errado mesmo. Então, no contrato, o quanto você faz, você ganha. Mas se a máquina está quebrada, você não ganha nada. Então você podia ficar dormindo. Agora - você tem que ir lá e não ganha nada. Quando é hora de limpeza, então, sábado, é que é o pior período. Eles param a firma e você tem que limpar as máquinas, vai limpar as máquina de graça, pois foi você que sujou. Então, não tá certo eu limpar a máquina porque fui eu que sujei. Porque, que eu sujei, tá certo, mas eu saí de casa pra ganhar dinheiro e não pra fazer limpeza de graça pra eles. Eles não fazem nada de graça pra mim. Então eu deixava acumular meia hora ou uma hora por dia, ou por semana durante dois anos. Eu tinha direito de dois anos pra cá, abrindo processo. Aí eu abria processo e recebia todas aquelas horas de dois anos passados para cá, mas aí eles me mandavam embora e eu ia trabalhar noutro lugar.

«Eu tenho um sonho»

- Bom, as outras ganhavam também. Este último processo que eu ganhei, elas não ganharam porque eu não cheguei a abrir processo. Eles estavam com problema de fechar a fábrica, então estavam querendo mandar o pessoal embora. E eles tavam me devendo um bom dinheiro porque veio um aumento de quarenta por cento em novembro e eles pagaram em dezembro e o décimo terceiro não pagaram. Aí, pulou o décimo terceiro e continuou pagando em janeiro e não podiam fazer isso. Eu sabia que não podia. Aí eu disse pra eles, já estávamos em abril: «Bom, eu vou querer receber a falta do abono». Então eles disseram: «Não, todo mundo tá por receber aí, ninguém recebeu ainda. Quando pagar pra uma pago pra todas». Eu falei: «Não, assim não vale. Se o senhor não vai pagar, eu vou abrir processo porque eu tenho direito.» Aí eles pegaram e me pagaram tudo de uma vez e eu saí. O nosso sindicato costuma comprar a briga, quando a gente está trabalhando com homem e há a diferença. A gente vai lá reclamar, porque tem essa lei de trabalhos iguais, salários iguais. Isto já existe, mas só no papel. Porque eles dão um jeitinho de por uma coisa mais leve pra mulher ou então eles acham que aquele serviço é de mulher e dão um jeitinho sempre da gente ganhar menos.

- Eu tenho um sonho, é um sonho meu, isso é um sonho que não vou conseguir. e muita coisa, é sonhar muito alto. Eu gostaria de ter uma reunião com todo tipo de mulher. Porque se a gente conseguisse, muita coisa a gente podia fazer no lugar do governo. Porque isso de preços, o governo não pode ter um fiscal pra cada supermercado, mas nós podíamos ter uma fiscal, pois nós somos um bairro inteiro de mulher. Todas nós fazemos compra e uma ia dizer pra outra no dia da reunião: «olha, eu comprei em tal mercado e é mais barato» ou «olha, naquele outro lugar estão roubando no peso, cheguei em casa era 800 gramas o meu quilo». Então nós teríamos um jeito de deixar o pessoal de lado, nós o deixávamos vendendo sozinho. Mas mulher é uma coisa tão difícil de reunir. Sabe, os homens se reúnem, mesmo que seja pra lutar só por ordenado, eles se reúnem. Talvez vocês que são mais jovens encontrem um meio de reunir estas mulheres.

nós mulheres: OPERÁRIAS

... BEM CEDO VAI PRO TRABALHO

Dora e Ana são operárias. Dora tem 29 anos, é casada com Zé e os dois tem tres filhos. Ela já trabalhou em indústrias metalúrgicas e têxteis e agora está desempregada, estudando no Senai. Ana também é operária, tem 27 anos e um filho. Quando nos deu esse depoimento ainda estava grávida, agora seu filho já nasceu mas continua no hospital pois sofreu um traumatismo durante o parto quando teve que esperar várias horas na fila do INPS para ser atendida. Por causa disso ela ficou no hospital quinze dias e o bebê deve ficar ainda um mes. Aqui as duas falam sobre a sua situação, com alguns palpites do marido de Dora.

« Ele lava a roupa, ele faz comida »

Dora: Olha gente, eu vou falar um pouco sobre experiências que a gente tem. A maior dificuldade que a gente tem é principalmente quando a gente é casada e é dona de casa e ao mesmo tempo mãe. Porque às vezes, a gente chega numa fábrica e pede pra arrumar um serviço. Então eles podem estar precisando de serviço, na hora, mas assim que eles pedem o documento da gente e olham, eles falam: «Ah, é uma pena, mas você é casada, você tem filho, então você vai ter problema e a gente não pode pegar esse tipo de pessoa.» Outro problema é com as crianças, é não ter com quem deixar. Eu fiquei sem trabalhar algum tempo porque as crianças eram pequenas e não tinha com quem deixar.

Ana: Na metalúrgica e na elétrica, que são as fábricas que pagam um pouco mais que o salário, encontramos as operárias mais jovens. Eles empregam as que tem entre 25 e 28 anos, a maior parte até 25 anos mesmo. Mesmo que a mulher seja casada, ela tá lá como solteira e mente quanto a idade sempre que pode. É que lá ganha mais - em geral pagam até duzentos cruzeiros mais que o salário por mes. No outro dia foi até triste. Teve exames numa fábrica e a única candidata realmente solteira foi impedida porque eles desconfiaram que ela estava grávida. E não estava. O que o próprio médico achava injusto era não contratar só pela desconfiância, mas a fábrica confia só nele. E uma falha aí é imperdoável, ele diz que arrisca o emprego dele. O INPS só paga se a firma ficar com a mulher grávida até os sete meses. Agora, pouquíssimas mulheres grávidas ficam. Normalmente sentem falta de ar, porque na linha ficam só numa posição, então começam a se sentir mal, vão ao banheiro. Pagam os tres meses. Mas se ela for dispensada antes dos tres meses de gravidez, não tem que pagar. Essa lei devia ser mais exigente. Devia exigir estabilidade da mulher grávida.

Dora: Meus filhos agora já estão um pouquinho grandes. Eu tenho uma filha de onze anos, um menino de nove e outro de sete. Então, eles já se viram e ficam em casa sozinhos. A menina e o menino mais velhos, eles vão na aula de manhã e o mais pequeno vai na aula à tarde. Então, ou já deixo comida pronta e na hora do almoço eles esquentam a comida e comem e na hora de ir pra escola eles se viram também. Eles levantam, eles se arrumam, vão pra escola, e os afazeres domésticos a gente divide. Então as crianças, o que eles podem fazer, eles fazem. A menina já lava roupa, o menino ajuda a lavar a louça, eles arrumam a casa e meu marido também. Teve uma época que eu trabalhava de dia e ele de noite. Então eu saía de manhã e ele ainda não tinha chegado. Então o que eu podia deixar pronto, eu deixava. Se eu tinha lavado a roupa, quando ele chegava de manhã, ele estendia a roupa. E às vezes, na hora que eu chegava, à tarde, ele estava quase saindo pro serviço. Às vezes, quando dava, ele já tinha dormido um pouco, ele fazia a janta pra mim, porque ele tinha que levar marmita também e às

vezes quando não dava tempo, então a gente ajudava ele fazer a marmita. Mas a maioria das vezes a gente não tinha nem tempo de se conversar, principalmente a gente casal, porque na maioria das vezes, quando eu saía, ele não tinha chegado ainda e quando eu chegava, tava na hora dele sair. Então ficava um problema muito difícil sabe? Mas eu e meu marido, a gente dividia as tarefas da casa. Se no sábado eu trabalho, e se as vezes ele tem sábado livre, então ele lava a roupa, ele faz comida, limpa a casa, e as crianças também dão uma mão, sabe? Mas como as crianças já trabalharam bastante durante a semana, a gente dá um pouquinho de folga pra eles

Zé: Eu acho que é o dever não só dela como meu também. Porque, como diz o velho ditado: a gente nasceu um pra cooperar com o outro, né? Pra ajudar na medida do possível. Não acho diferença nenhuma no trabalho de casa. A diferença é por causa da sociedade, né? Porque na sociedade se diz que é chato o homem lavar roupa, o homem cozinhar.

Dora: Olha, eu acho muito importante a mulher trabalhar fora, porque na medida que ela trabalha fora, ela tem um pouco de participação fora também. Porque a mulher ficando em casa, ela termina ficando só em volta do serviço, porque o serviço de casa é um serviço que não acaba e a gente termina não tendo tempo pra assistir televisão, pra escutar um repórter, que é importante, e a gente então não participa quase de nada. Ao passo que se a gente sai pra trabalhar, a gente convive pelo menos um pouco com os colegas de serviço, a gente vê muita coisa na condução, a gente enfrenta os problemas de condução, então a gente também sabe contar um pouco da situação que a gente vive. Enquanto que a mulher que fica em casa, eu acho que é um pouco mais difícil ela saber de tudo isso. Porque o marido trabalha fora o dia inteiro e quando ele chega em casa, ele já tá exausto, então a mulher não vai ficar contando pra ele que ela ficou lavando prato, que lavou fralda, que cuidou do nenê, porque isso aí ela faz todo dia, né? E a gente trabalhando fora, então a gente pode ter uma troca de idéias. Mesmo com as crianças, porque se elas estão estudando, elas contam alguma coisa da escola, a gente conta alguma coisa da fábrica, do que a gente fez, o marido conta uma outra coisa. Eu acho isso muito importante. E meus filhos, eles me falam assim que eu sou bem mais legal quando estou trabalhando fora. Porque quando eu fico em casa, eles dizem que eu começo a ficar um pouco chata sabe? O que o marido ganha não dá bem e a gente começa a ficar nervosa. Então, às vezes, a gente divide um pouco do nervosismo com as crianças, que não tem culpa nenhuma e nada que ver com isso.

« É muito difícil pra mulher aprender uma profissão »

Ana: O fato da mulher sair pra trabalhar muda a situação dela dentro da família. Muda porque ela tem mais voz. Porque como ela também ajuda a ganhar dinheiro, ela também tem coragem de falar alguma coisa. E quando ela só depende do dinheiro que entra em casa pelo marido, aí ela é muito mais dependente e se ela não for submissa, só sai briga. Agora, quando ela sai e ela também ganha, quando contrabalança o trabalho dela e dele, aí ela consegue ter mais força, muito mais força. Depois, é raríssima a experiência do pessoal que começou a trabalhar, que o marido não passe por si só a reconhecer certas coisas. Uma ou outra ainda sofrem aquele marido terrível que quer tudo pra mão. Mas é difícil. Em geral, quando as mulheres trabalham, os maridos vêem que também tem que fazer alguma coisa. Esperar tudo da mulher não dá mais.

Dora: Eu vou falar um pouquinho sobre em que as mulheres trabalham principalmente. Elas trabalham mais nas metalúrgicas e nas têxteis. Isso aí é um pouquinho de que eu tenho experiência. Nas metalúrgicas as mulheres trabalham mais na linha de produção e na linha de montagem, nas máquinas operadoras, prensas e reatores. E um número muito pequeno de mulheres trabalham no controle de qualidade. E, nas empresas têxteis, as mulheres trabalham mais na faixa da fição, tecelagem e nas rocas, enrolando linhas. No trabalho que eu faço, a mulher não faz certas coisas. Mas não faz porque eles não dão oportunidade pra gente. Porque eu acho que, pelo menos nos setores que eu trabalhei, todo tipo de trabalho que os homens fazem, a gente poderia fazer. Porque nas fábricas eletrônicas os serviços não são muito pesados. O único serviço que a gente não faz é serviço mecânico, eletricista. Mas eu acho que se a gente tivesse oportunidade, a gente faria.

A maioria das vezes quando a gente entra numa fábrica, a promessa deles é essa, pra gente começar a trabalhar de ajudante, ajudante geral. Então a gente trabalha, trabalha, trabalha de ajudante geral e nunca sai disso. Então, quando a gente fala: «Olha, mas vocês me prometeram que iam me dar uma profissão» - eles respondem: «Ah, mas você ainda não tá em condição, talvez daqui a dois ou tres meses». Como a gente tem muita fé, a gente vai esperando até que passa tres meses, passa um ano, passa mais, e a promoção nunca vem. Termina eles mandando a gente embora quando a gente começa a exigir muito.

Ana: É muito difícil pra mulher aprender uma profissão. Fora da seção dela, nem se fala. Na sua seção, se alguém aprende o trabalho da outra é porque ela pega a hora do almoço, a hora do jantar, nas não na hora do trabalho. Então algumas aprendem o trabalho em outras máquinas porque na hora do seu descanso vai trabalhar pra aprender. Mas não que tenham oportunidade de aprender. As vezes acontece que um determinado tipo de máquina envolve muita gente. Então ela vai praquela máquina. Aí é que ela vai aprender, mas por necessidade do próprio trabalho e não para que ela aprenda.

« Olha, mas eu não sou máquina »

Ana: Há cinco anos atrás, eu tinha uma colega que tinha trabalhado tres anos como retificadora na SKF. Bom, houve um corte e ela caiu fora. Ela ficou tres meses procurando emprego, porque ela só queria trabalhar como retificadora. Acontece que em todas as retíficas só trabalham homens. Então, essa menina não foi aceita em fábrica nenhuma. Por fim ela não tinha mais condições de aguentar e entrou numa fábrica com a esperança de que passassem ela pra um serviço que pelo menos não fosse de ajudante, porque ela entrou como ajudante. Bem, esta menina, depois de tres ou quatro meses nessa fábrica, ela foi várias vezes ao departamento de pessoal, conversar que ela queria ir para a retífica, que ela tinha prática e ela queria ser retificadora. Tinha ali na carteira dela, ela tinha sido retificadora tres anos, porque ela era ajudante agora? Bom, ela não conseguiu. Saiu de lá descontente e não conseguiu. Uma ou outra fábrica tem mulheres nestes serviços, mas em geral é exceção. Por exemplo - inspeção de qualidade. Agora muitas já tem mulheres, mas tem fábrica que é homem de ponta a ponta. Inspetor de qualidade como profissional, é só homem. A mulher é ajudante, auxiliar de inspeção. Mas ela faz o mesmo que o homem faz e ela não é registrada como inspetor de qualidade. O salário é metade, menos que a metade. Se no outro tipo de trabalho ela ganhava 2,50 a hora, como ajudante de inspeção ela vai ganhar 2,80 ou 3,00 cruzeiros, mas o inspetor de qualidade tá ga-

nós mulheres: OPERÁRIAS

nhando 7,00 ou 8,00 cruzeiros por hora. Ela melhora um pouquinho do que ela estava, o que é um consolo, certo?

Dora: A gente é meio vigiada também. A gente não pode ter amizades, a gente não pode conversar quase com ninguém, então a gente tem que dar aquela máxima atenção às máquinas. A gente só trabalha, trabalha, a gente fica tão cansada, tão exausta, que a gente não tem coragem pra nada. Quando a gente chega em casa, a única coisa que a gente pensa é em deitar e dormir pra começar no outro dia novamente. Na fábrica que eu trabalhava, a gente não podia nem olhar pra outra pessoa que o encarregado já estava em cima. O principal lá era a produção. Eu era obrigada a fazer todo o acabamento de tres peças enquanto a máquina operava mais uma. Então, enquanto a máquina fazia mais tres peças, eu teria que fazer todo o acabamento de tres peças já prontas, empilhando em camadas de dez e embalar. E tudo isso em 3 minutos. Então quer dizer que a gente fazia todo o acabamento de tres peças, empilhava e embalava, em meio minuto e oito segundos. De vez em quando, eles chegavam perto da gente e falavam: «Olha, você não tá dando conta da produção». Eu falava assim: «Olha, mas eu não sou máquina, e mesmo que eu fosse, não daria conta porque do jeito que eu vivo!» Então eu contava um pouco da minha situação. E falava pra eles que eu tinha tres filhos, que eu cuidava da casa, que eu estudava. Além disso, eu não tinha tempo nem de dormir pra poder ir trabalhar no outro dia. Então eu não tinha mesmo condição de chegar a esta produção que eles queriam. Eu fazia de tudo, mas eu não conseguia dar conta da produção, de jeito nenhum. No dia em que fui mandada embora tava faltando dois dias pra vencer os tres meses de experiência. Eles falavam assim que se a gente fizesse mais de 60 por cento da produção, que a gente passava no teste. E eu fazia mais de 60 por cento. E a única coisa que eles falaram foi que eu não fui aprovada na experiência. Simplesmente, sabe? E que por isto, infelizmente, eu não tinha tido a «sorte» de ficar lá.

Ana: Numa firma também que eu trabalhei as meninas são muito submetidas. Inclusive, dentro da seção, as meninas não podem ir no banheiro. Tem firmas que tem bastante funcionários e não tem banheiro pra todo mundo. Nessa firma tinha bastante banheiro e as mulheres não podiam usar, pra não perder tempo. Porque a gente trabalhava na linha e se a gente saísse da linha, ia atrasar o serviço. Então a gente era obrigada a ficar na linha das seis às onze horas, que era a hora do almoço. Então, na hora que era pra gente ir almoçar, ir pro refeitório, a gente tinha que ir pro banheiro. E as meninas que eram pra substituir a gente na linha eram tão sobrecarregadas que não tinha condição de ficar no lugar da gente. Não é em todos os lugares que é assim, mas em várias seções desta firma que eu trabalhei era desse jeito.

Ana: Só vendo o que acontece. As vezes você vê uma menina trabalhando na linha, fica menstruada antes da hora, então ela vê o sangue escorrendo pelas pernas, ela não sabe se enlouvece, se para, se se esconde. Eu vi muitas tendo crise. Daí vai para a enfermaria, dão um calmante pra ela e mandam voltar pra linha.

Dora: E se acontece da gente ficar doente, eles dizem assim: «Ah, isso aí é problema de casa. Ela tem muito problema em casa». Então as meninas vão pro médico e o médico diz assim: «Ah, você não tem nada. Você está boa pra trabalhar, menina. Vai trabalhar, isso é preguiça. «Esses convênios, em vez de ajudar os funcionários, eles são a favor da firma. Eles já contrataram esses médicos pra isso, mesmo. Quando eu estava doente e o médico dizia que não podia me atender na hora do serviço, eu dizia pra ele que então era pra ele me mandar pra outro ambulatório porque eu precisava ser medicada. Aí, ele quebrava o pau comigo, ficava bravo, e eu dizia: «Mas, escuta aqui, a gente não paga isso aqui? Vocês não estão sendo pagos pela gente? E porque vocês não querem atender a gente? E tem muita menina que não tem coragem de fazer isso. Então o médico diz assim pra elas que é pra elas voltarem lá quando acabar o expediente, que é a hora que elas deveriam ir pra casa, né? Então chega no médico e tem aquela fila enorme de gente e as meninas só vão-chegar em casa não sei quantas horas depois. Tudo isso pra não dar prejuízo à firma. É uma coisa impressionante.

«As fotos, conforme o tipo de menina, tem um preço»

Ana: Dentro da indústria eletrônica, de montagem de rádio, os trabalhos em geral são difíceis, são trabalhos de linha. Tem que aprender a trabalhar com a linha andando. As peças são muito pequenas, exigem uma adaptação dos dedos. Veja só, por exemplo, numa montagem de rádio mais especializado, desses de carro - AM, FM. Esses rádios tem uma placa desse tamanho, que tem montada atrás 187 peças. O lugar de encaixar é minúsculo. No começo os dedos ficam todos feridos pra encaixar aquelas pecinhas. As mais novas, pra se adaptar funciona. Se adaptam em menos de um mes. Nesse mes, a turma tem crises de nervos, desmaia, é muita exigência. Tem que ficar lá, naquele ritmo. E é mais difícil quanto menor for a peça. E a linha anda num ritmo só, em todas as posições, se a peça é muito pequena, é muito difícil de encaixar. Então, a linha andando a 270 por hora, pra encaixar seis peças tem que ser super-habilidoso. Então, de vez em quando, o encarregado chama a operária nova e diz: «Olha, você se esforça, ve como as outras mulheres já fazem bem. Isso é só questão de adaptação. Você se adaptando logo a esta posição que voce está, que é uma posição difícil, você logo será promovida. Se você for bem na experiência, você vai ver que não demora muito a sua promoção».

Então, o que acontece é que esse pessoal fica com a ilusão da promoção. Então, é o seguinte: numa linha de setenta, oitenta pessoas, existem tres encarregadas, que são as promovidas. Estas encarregadas ganham 5,10 cruzeiros por hora. Depois, nesta linha, existem os que distribuem material: Tem que conhecer todo material, todo tipo, material de cada posição, conhecer todas as diferenças. Por exemplo: as resistências são muita pequenas e num rádio transistorizado, desses bem especializados, existem umas 60 resistências. A única diferença entre elas é um risquinho que muda a cor. Então precisa mesmo ter muita capacidade pra distinguir, não colocar peças misturadas. Esses distribuidores de material ganham 3,70 ou 3,80 cruzeiros por hora. É uma promoção. Numa linha de setenta ou oitenta pessoas, tem dois distribuidores de material. O que é promoção também é que numa linha dessas, seis meninas ficam no final da linha e inspecionam se as peças estão no lugar; estas ganham 4,20 cruzeiros por hora.

Ana: Em geral, eles falam que as promovidas são as que tem mais capacidade, as que aprenderam todas as posições, as que nunca colocaram peça errada. Mas isto, nunca ninguém viu. Em geral, quem é promovida, é quem começa a ganhar um chefe, entende? Ou o chefe, ou o supervisor ou até o gerente. Então, nas conversas de linha a gente ouve muito esses papos de como a pessoa deve fazer pra ser promovida. É muito simples: voce primeiro escolhe um cara, dos grandes. Aí voce passa uns dias dando umas olhadinhas pro cara. Depois, você dá umas piscadinhas. E quando ele responder, você vai e bate um papinho com ele na hora do intervalo. Bom, no final de um mes ou dois, você sai com ele. Aí você pode esperar que pode ter a maior promoção. E todo pessoal que tinha tido promessa de promoção, nunca foi promovido.

Existe um outro tipo também de exploração de sexo que o pessoal faz dentro das fábricas. É o seguinte: os chefes ou os profissionais categorizados ganham as meninas na conversa pra tirar umas fotografias nuas. Então as meninas tiram as fotos e depois eles fazem uma rifa entre eles, concursos, e ganham dinheiro assim, sabe? E as fotos, conforme o tipo de menina, tem um preço.

Dora: Sempre quando a gente vai preencher uma ficha numa indústria, uma coisa muito necessária que eles falam é que a gente é obrigada a fazer hora-extra. Então, como a gente tá precisando mesmo do serviço, a gente assina, e depois a gente fica naquela situação, né? Porque a gente assinou, mas ao mesmo tempo a gente muitas vezes não pode fazer. E quando a gente não faz, a gente é cortado imediatamente, pra não dar mau-exemplo pros outros. Nesta última firma que eu trabalhei, eu acho que me mandaram embora porque a gente não fazia hora extra. Porque eu trabalhava das cinco da

manhã até as duas da tarde. Então, depois era pra gente ficar trabalhando até as quatro. E eu não aguentava. Porque eu levantava as tres horas da madrugada. Eu estudo no Senai da Barra Funda e moro na região leste. Tinha que tomar duas conduções. São duas horas de viagem-duas pra lá, duas pra cá, são quatro horas. Chegava em casa já pelas onze e meia, meia noite. Aí, ia dormir pra levantar as tres horas, pra chegar no serviço às cinco e começo a trabalhar. A gente não tinha tempo pra nada.

«Ah, isso é feio, menina não pode fazer isso»

Zé: Eles obrigam a gente a fazer hora-extra no periodo de experiência. Então, a gente faz pra seguir o emprêgo, até que termina a experiência. Depois que termina, então a gente para de fazer. Eles exigem essas horas-extras que é pra aumentar mais a produção pra eles. Pra evitar de por outro empregado, de pagar os direitos de outro empregado. Quer dizer que eles usam esta técnica de obrigar a fazer hora-extra pra não ter que pagar o fundo de garantia, o registro de outro empregado.

Ana: Dizem que um dos fatos porque as empresas não querem o trabalho feminino e as mulheres casadas é porque a mulher traz o cansaço de casa e por isso ela rende menos. Mas isto não é verdade não é verdade não. As mulheres nas fábricas produzem mais que os homens porque em geral elas são menos conscientes. Os homens reagem mais. Eu trabalhei numa fábrica que fazia peças de metal duro, em prensas, onde só trabalhavam homens e aí mudaram pra mulheres. E a experiência foi ótima e até hoje só tem mulher e acabou. Porque produz muito mais, além das peças terem menos defeitos. É, eu acho que as mulheres são muito mais facilmente domináveis que os homens.

Já vem que foi dominada pelo pai. Depois ela passa a ser dominada pelo noivo ou marido e ela continua a ser dominada. Em geral os chefes são homens. E as mulheres são, em geral, muito mais submissas, muito mais obedientes. Pela própria educação e tipo de família que nós temos. Nas seções de homens os chefes tem que ser muito mais cuidadosos porque a turma reage rapidamente por qualquer coisa. E as mulheres não.

Dora: Eu acho que isso acontece pelo tipo de educação que a gente teve. Que a gente, desde pequena, desde que nasce já é submetida a uma série de coisas bem diferentes que o menino. Porque quando a gente é pequena, tudo que a gente vai fazer o pai da gente fala: «Ah, mas isso é feio, menina não pode fazer isso, menina não pode fazer aquilo».

Enquanto que o menino, desde que ele nasce, o pai fala: «O menino tem que ser homem e o homem tem que ser alguma coisa.» Então, tudo que o menino faz é bonitinho, nada impede e é esse o tal negócio. E tem essas mulheres que o marido não deixa conversar com ninguém. Então vira uma pessoa fechada. Além daquela educação super-chata que ela teve, ela continua aquilo até o resto da vida.

Zé: Eu acho que os homens não deixam a mulher conversar com outras pessoas pelo seguinte: eu acho que eles tem um certo medo de que a mulher suma com outra pessoa e ele fique sem a mulher, entende? Mas me parece que isso aí não faz diferença nenhuma, tanto na parte do homem quanto da mulher. Porque o que importa é a comunicação entre as pessoas. Porque eu acho que ninguém nasceu pra viver fechado dentro de casa, sem ter comunicação. Nem mesmo os animais vivem fechados, sem comunicar com o outro. Não é verdade? Eu tenho isso comigo. Pra mim o que vale é a confiança e o amor. Que é a gente casando por amor. Não por ciúmes, nem por ódio, né? A diferença que a gente encontra é isso: a educação. Quer dizer - dá pra um e tira do outro. Isso aí não tá certo. Isso aí tá errado na sociedade. Está errado submeter a mulher aos seus pés, ao seu poder, como se faz com os animais. Agora, a mulher já está se levantando e conhecendo as coisas normalmente. Tem homem que ainda tranca a mulher no quarto e não deixa sair, né? Mas hoje a mulher já está descobrindo coisas importantes na vida dela e não aceita mais ser submissa ao homem, ser dominada.

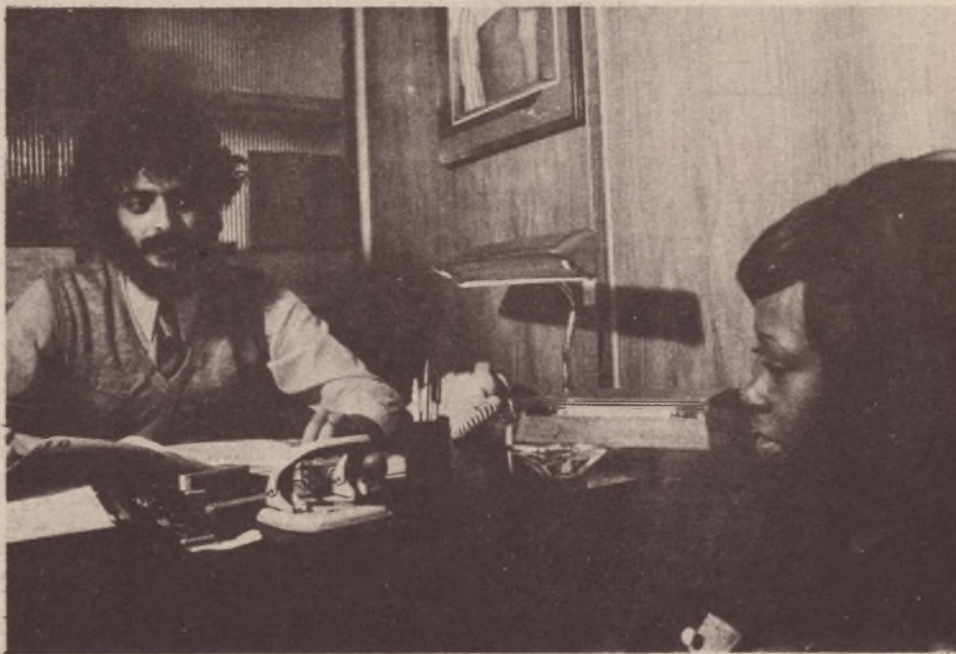
Sandra Adams fotografou para o EX as operárias que inventaram essa fotonovela.
Nós misturamos as fotos, e a sequência pode ser recriada, conforme o
enredo que você inventar.

1. Ordene as fotos da forma que você preferir;
2. Escreva legendas e diálogos para cada uma delas, identificando cada quadro com as letras correspondentes
3. Mande-nos a fotonovela que você criar, juntando seu nome e endereço
4. Publicaremos a história mais original

AL



MN



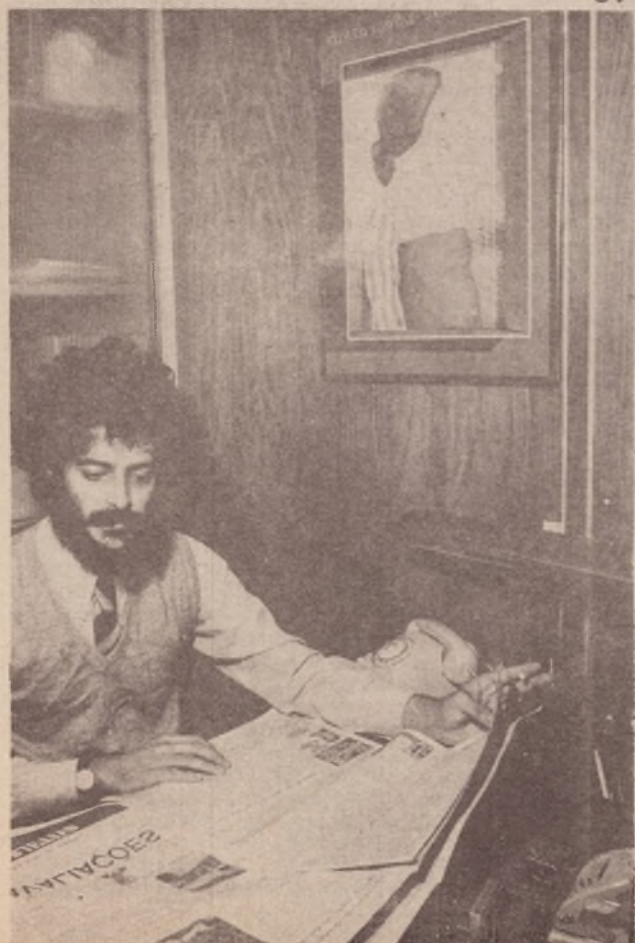
OP



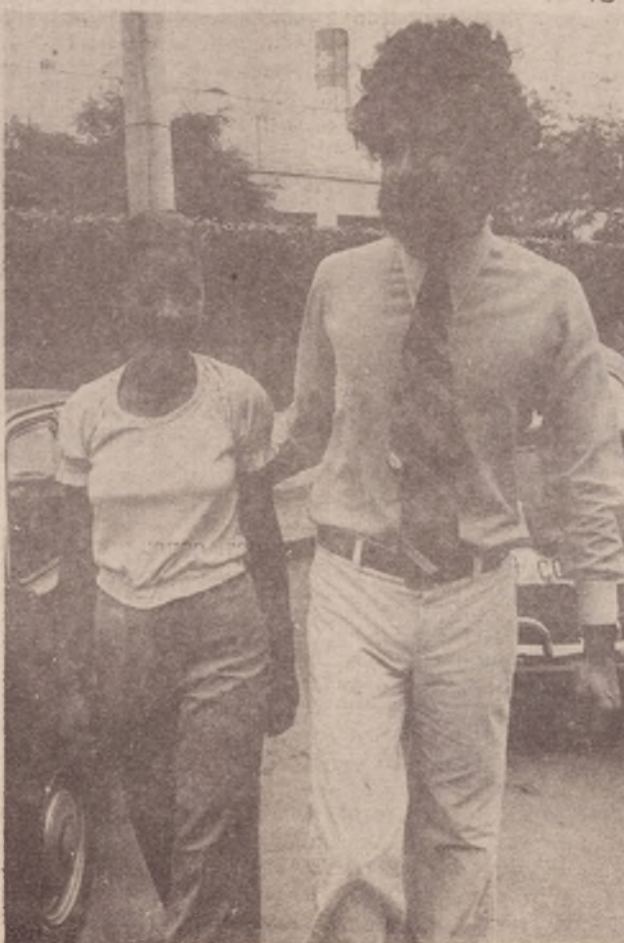
DX



SV



IC



TP



TRABALHO · TRABALHO · TRABALHO · MARGARIDAS NO ASFALTO

«De ponta de cigarro atirada no meio da rua à sujeira jogada na calçada,
São Paulo produz diariamente 7 mil toneladas de lixo:
um quilo por habitante.

E recolhe cerca de 4 mil toneladas por dia»
quem recolhe essas 4 mil toneladas de lixo diárias?

(JORNAL DA TARDE-2/4/76)

No começo só havia homens na varrição. Rua era lugar de homem. Agora quase só tem homem no caminhão, e como supervisor. As mulheres aos poucos vão tomando conta das ruas.

NÓS MULHERES decidiu entrevistar algumas pessoas responsáveis por esse serviço e, assim, contar um pouco da sua história.

O Sr. Emilio Meneghini Jr., diretor da VEGA SOPAVE — primeira firma a empregar mulheres para o serviço — interpreta assim essa mudança: «Uma coisa você tem que dizer no seu artigo, que é o mais importante e que todo mundo salientou muito — sabe, no primeiro dia a televisão saiu na rua com elas, os jornais me entrevistaram, falaram com elas, então eu já lhe digo que é para ajudá-la a escrever — o mais importante é o aspecto social» diz ele. «Convidamos aquelas mulheres que viviam da zona cerealista, catando restos na rua do mercado para comer, para trabalhar conosco».

Depois de mais de 15 entrevistas, não conseguimos localizar nenhuma daquelas mulheres que tivessem vivido antes na zona cerealista. Da segunda vez em que falamos com ele, o Sr. Emilio explicou melhor a situação: «Implantamos o servi-

ço com doze mulheres para despertar a curiosidade para com essa mão de obra. Para propaganda». Aos poucos ele acaba contando como teve início a idéia de empregar mulheres: «Estava-se pagando Cr\$ 1,80 por hora. Não sei se por causa do Metrô, que na época pagava Cr\$ 2,00 por hora e dava alojamento ou se porque o pessoal está estudando mais, progredindo mais, mas estava uma dificuldade encontrar pessoal. Chovia telefonema de bairros reclamando que não tinham ido recolher o lixo. Até que um dia reclamaram tanto que vesti macacão, passei no escritório e perguntei: quem quer ir comigo? E fomos, eu e mais dois. Daí, de repente, eu lembrei: a mulher é que varre a casa, sempre; porque é que ela não poderia varrer a casa de todos nós que é a cidade? E contratou mulheres. Deu-lhes uma chance... por Cr\$ 1,76 a hora.

A SQPAVE, segundo seu diretor, está preocupada com a paisagem de São Paulo: «as Margaridas enfeitam as ruas». Margaridas é o apelido carinhoso que puseram nelas. Um dia, um outro diretor da firma olhou para elas e olhou para a parte rotativa do caminhão de lixo. Pareceu-lhe uma flor. Decidiu chamá-las margaridas e o nome ficou.

Atualmente, em São Paulo, são poucos os homens que continuam trabalhando na varrição de ruas. Mas o que sobraram ganham salários mais altos que os das Margaridas. Maria não sabia disso: «Homem ganha mais? Ah, não acho justo. Alguns tem filhos, mas a gente também tem. Tem umas que não tem nem marido. Que nem eu, eu tenho, mas é como se não. Doente: coração. Mas eu trabalho sem olhar. Junto montes que nem enxada. Igual a homem».

Maria de Lourdes explica porque há poucos homens trabalhando na varrição:

«Homem não quer pegar esse serviço aí. Tem só dois, da prefeitura, e assim mesmo porque é doente, não pode trabalhar em outras firmas, né. Homem não quer porque não ganha o suficiente. Vai deixar a família morrer de fome? Ou ele vai andar nú? A senhora vê, eu trabalho aqui e trabalho à noite, pra poder sustentar os filhos. Eu tenho cinco filhos, não tenho meu marido, então eu com cinco filhos nas costas, estudando, pra comer, pra morar, condução, pensa que isso dá? Não dá. Então eu tenho que trabalhar em dois serviços».

Com ela, muitas tem dois empregos, o que faz com que saiam de casa por volta das cinco horas da manhã e voltem entre as dez e meia-noite. Assim conseguem receber, por mês, mais ou menos um salário mínimo e meio. «Tô ganhando na base de 600,00 contos», diz Maria de Lourdes. E trabalhando todo o dia, sábado e domingo, agora vou parar de trabalhar no domingo — não compensa. Trabalhando todo o dia, também no sábado, sai 138 contos por semana. Com o domingo sai 170, que domingo é dobrado. Agora esse negócio de feriado eles não gosta de pagar, não. Tem que pagar dobrado. Mas veja, agora teve o Carnaval, carnaval não é feriado, só a terça-feira e nesse dia eles ainda puseram na porta: «é dia normal de serviço». Tá bom, nós trabalhou. Trabalhamos o carnaval inteiro, ninguém saiu daí. E ganhamos igual.»

Maria Clara complementa: «E ainda se falta um dia, eles descontam 56 contos do ordenado da gente, não adianta. A gente pode reclamar que eles não estão nem aí. Porque me aconteceu uma que eu não merecia. A minha casa a enchente levou, o meu filho quebrou um osso da cabeça, eu fui reclamar com eles por que tinham me descontado. A moça disse que não tinha nada com isso. Chorei lá pra eles não me descontar os dias que foi preciso, que eu necessitei faltar, pra mim cuidar do meu filho que eu tive de levar pro hospital, faltei uns quatro dias. O fiscal disse que não tinha nada com isso. Nem com atestado médico não adianta. Noutro dia levei três atestado e a firma não me pagou».

«Quando ela veio receber, disseram que só iam pagar ela daí a quinze dias porque ela não veio no dia do pagamento» acrescenta Maria de Lourdes. «Então eu dei em cima: ela tem o menino doente, trabalhou, só não deu pra vir na sexta receber. Não vai pagar porque? De que jeito que ela vem trabalhar? A senhora acha que ela vai vir a pé ou vai ficar sem comer?» Aí foi que ela pagou. Mas três dias ela não pagou; só pagou um. É por isso que eu acho pra senhora que não paga a pena trabalhar nisso aí».

Mas porque então elas aceitam trabalhar nessas condições?

«As fábricas só pega as mais novas. Passou dos vinte e cinco, fica difícil. E casada, então!» comenta Joana. «E tam-

bém precisa saber ler e escrever, e nós não sabe.»

Assim, as opções são mínimas — doméstica, faxineira, trabalho em casa ou na como prostituta. Ou então nos empregos abandonados pelos homens, em função do baixo salário.

«Eu trabalhava lá na Lapa. Agora tô ruim do braço. Quando fica frio, meus dedos ficam tudo duro, de lá pra cá fica tudo roxo». Por isso Maria não conseguia mais lavar roupa em casa de família. Mas diz que gosta mais de trabalhar como gari. Porque aqui ninguém enche as paciências da gente igual à patroa, que tá sempre em cima. Porque graças a Deus, nossa rua, nós deixa limpinha, nós nunca deixa a coisa mal feita, e nem o serviço feito pela metade. Todo mundo gosta da gente aqui. Ontem mesmo, já vi: ah, no tempo dos homens, não limpava direito, agora vocês limpa tudo direitinho. Todo mundo gosta da gente».

Um homem, por trás da cerca de sua casa, faz um gesto. Maria se aproxima, furtiva. Ele lhe dá um dinheiro, que ela rapidamente enfia no bolso. Chegando na esquina, tira do bolso e dá uma parte à Joana. Tudo muito rápido. Vi, de longe, sem que elas percebessem. Sinto-me espiando. «O salário não dá, mas o que fazer? Tem, tem que dar de qualquer jeito, né?»

«Em casa de família, cê pelo menos tem casa e comida de graça. Lembra Jandira. «Aqui só parece que cê ganha mais. E Cr\$ 2,22 por hora que tão pagando não dá pra nada.»

E continuam a trabalhar. Na outra rua, Raimunda varre e Deuselinda recolhe o lixo — «enche o saco» como elas dizem. Os carros, parados no sinal. Um ou outro motorista olha. Imperturbáveis, elas continuam varrendo. Chegando na esquina, param: farol fechado. Mês passado, um ônibus pegou uma colega; é bom se cuidar que eles não param mesmo.

Não tem dúvida que o escritório é lugar mais seguro. Só que lá, estão os chefes e os supervisores, todos homens. Às vezes, quando a região é muito grande, uma delas passa a funcionar como supervisora, sob as ordens do supervisor responsável. «Às vezes, tem coisas pra falar pras moças e mulheres se entendem melhor». Por isso, a ajudante. Por um salário menor que o supervisor, é claro.

Aparecida, que faz as vezes de supervisora, conta: «Estão procurando promoção para mim, para ver se eu seja uma outra pessoa amanhã ou depois, porque com um pouco de estudo, entra como fiscal». Ela já fez o caminho de ida e volta, de fiscal a varredora, três vezes. «Porque eles achava que tava precisando de pessoas, me punham na frente. Outras vezes pra ensinar. Depois voltava. Agora vai fazer três meses que estou de fiscal. Ganhando a mesma coisa que as outras. Tô fazendo outro serviço que o delas, que só varrem, talvez me aumentem daqui a dois meses. Quer dizer é sempre uma experiência, né, quem sabe. Todas as pessoas começam assim mesmo.» Supervisora volante, com salário de varredora. Para «ajudá-la»... Enfim, apesar do salário míngua, do uniforme apertado, apesar do trabalho duro, falta de futuro, dos problemas da condução, da insatisfação, elas continuam. Que sabe, pela segurança de um salário no fim do mês ou semana?

Eu pensava nisso quando Maria de Lourdes, de outra firma me tira as últimas ilusões: «Sabe, tem ainda outro problema. Tô trabalhando aqui vai fazer um ano em junho, mas eles não gostam disso, não. Sabe o que eles fazem? Chama as pessoas depois de oito meses de serviço, daí manda embora, e contrata de novo daí a uma semana. É só pra não pagar férias, 13º, essas coisas. É pra pagar ou largar.»



·TRABALHO·TRABALHO·TRABALHO·

LUGAR DE FOGÃO NÃO É SÓ NA COZINHA

De como as mulheres deixaram de suar e sujar as mãos em suas próprias cozinhas e passaram a ser pagas para suar e sujar-se fabricando o instrumento principal das cozinhas de outras mulheres.

Depois de quase trinta anos de bons serviços, estava à beira da falência. Devia dois bilhões na praça, segundo contam seus operários antigos, que viram aquela fábrica de fogões nascer, primeiro naquela ruazinha do Brás, depois instalando-se numa outra rua, num outro bairro, e finalmente não resistindo à concorrência da Semp, Wallig e outras. Daí era fechar a fábrica, desempregando a todos ou vender. Mas quem compraria uma fabriquetinha falida? Paulo Torres, idealista, jovem, dinâmico decide enfrentar o desafio de reerguer a fábrica. E compra. E logo põe as mãos à obra. Despede metade dos operários. Mas pelo menos mantém o emprego da outra metade. Não dá para pensar em aumentar: mantém a produção. Boa idéia. Assim, obtém a mesma produção, com metade dos gastos em pessoal. Como é idealista, ainda aumenta um pouco os salários. (Afinal, cada operário vai passar a produzir exatamente o dobro do que produzia: merece um aumento de 13%. E é bom que o pessoal esteja animado.) E como ele é jovem, decide acabar com velhos preconceitos. Antes, se pensava que indústria metalúrgica (fábrica de fogões é indústria metalúrgica) só tinha «trabalho pesado», não sendo por isso lugar de mulher. Mas Paulo achou que devia dar uma chance às mulheres de provar que eram capazes de aguentar o ritmo. E contratou seis. Que passaram para oito depois de algum tempo de experiência bem sucedida. Elas já tinham perto de um ano de casa em 1975, quando fomos entrevistá-las para ver como se saíam

-Seu nome?

-Maria da Graça

-Faz tempo que você trabalha aí, Maria da Graça?

-Vai fazer oito meses, que vem.

-Você faz o que, aí na fábrica?

-Ah, agora tô aqui, mas o pessoal da seção faz de tudo. Dali a pouco muda, e todo mundo faz de tudo.

-O que que você acha desse trabalho para a mulher?

-Acho meio sujo, mexer com metal o dia todo suja muito. Estou até pensando em fazer um curso de overloquista, que pelo menos é mais limpo. Mas a gente trabalha no que tem, que precisa trabalhar.

-E o serviço compensa?

-Nada! Tão me pagando 1,80 hora, então cê vê quanto é que sai. 1,80, descobri mais tarde, era o salário das mulheres. Os homens da mesma seção «em que todo mundo faz de tudo» ganhavam entre 2,50 e 5,00. Na outra seção, fabricava-se fogões industriais e os salários concentravam-

se em torno dos 5,00. Mas lá só trabalhavam homens.

Curiosa, tentei descobrir a razão dessa diferença entre o salário dos homens e das mulheres. Perguntei ao supervisor (por coincidência, só existia supervisor homem: nenhuma mulher no cargo). «Aqui na seção, todo mundo faz de tudo. Mas o trabalho mais pesado são os homens que faz. Vê lá, carregando o fogão para dentro do caminhão? É só homem que faz aquele serviço, que é muito pesado pra mulher.»

Concordamos com ele e, de fato, naquela e nas outras vezes em que visitamos a fábrica, eram sempre homens que carregavam os fogões para dentro do caminhão que os levaria às lojas. Mas havia sempre uma mulher no começo da linha de montagem da parte elétrica do fogão, e o trabalho dela consistia em pegar o fogão do chão, carregá-lo para cima de um estrado de meio metro de altura, e parafusar nele a peça na qual a próxima começaria a montar os fios elétricos, assim que ela lhe empurrasse o fogão. E fazia isso pelo menos durante oito horas por dia. Será que carregar fogão para dentro do caminhão é trabalho especializado, e carregar fogão para cima de um estrado não é? Por isso elas ganham menos?

Maria da Graça pôe três pregos minúsculos numa chapa de metal, e os prensa. «Não parece, mas isso cansa muito. Tem dia que quando eu vou para aula, de noite, ainda estou com a vista toda embaralhada de tentar acertar esses buracos e de descer a ponta da prensa em cima da cabeça dos preguinhos. Mas acho que para a semana eu mudo». Semana seguinte, chegou lá: Maria da Graça continua no mesmo lugar.

-Uê, você não vai mais mudar?

-Já mudei e já voltei. Três homens tentaram fazer o meu serviço, mas ninguém acertou: fica tudo com a vista embaralhada, não a cabecinha do

prego, estraga muitas peças. Tive que voltar.

Só que este não é considerado trabalho especializado. No caso dos homens, força bruta, sim; destreza, não. Qual a razão deste critério?

Conceição, que trabalha na parte elétrica hoje, concorda. E acrescenta: «Não é que elas ficam satisfeitas. Tá todo mundo reclamando do salário, do horário, tudo. Mas todas elas diz que vai sair da firma, procurar outra onde pague mais, seja melhor. Só que é tudo igual, em qualquer lugar. E elas parece que não sabem. Então em vez de conversar pra fazer alguma coisa, elas pensam em sair.»

Joana acrescenta: «O trabalho é sujo - mexer com metal o dia todo suja. E o salário não compensa. Ganha muito pouco pela cansa e pela sujeira. E o patrão já mandou dizer que este mês não sai aumento, nem no mês que vem. E todo mundo tá recebendo aumento, só aqui que não. Agora, tem uma fábrica aqui perto que diz que tá pagando 2,00. Acho que vou lá ver, que assim não tá dando.»

Dito e feito, já que, dois dias depois, Joana não estava mais lá. E muitas outras antes dela, no mesmo processo. O que, por outro lado, não acontecia tanto com os operários - havia até os que tinham perto de 30 anos de casa.

«Muitas estão insatisfeitas, Jorge? - perguntamos ao chefe da seção.

-Algumas, não. Veja a Lourdes, por exemplo. Ela tenta outro caminho. A gente até chama ela de Miss Brasil, de espetada que ela é. Só olha para chefe, gerente, diretor. Pensa que vai casar com um deles, como nas novelas. Chega um deles, ela se derrete toda, tira uma linha, muda toda.»

Mais tarde, Conceição dá informações mais precisas. «Tem um pouco disso, mas é uma boa menina. Agora, tem também o outro lado. A Maria da Graça, por exemplo, é noiva do chefe da seção dela. E aguenta qualquer coisa pra

trabalhar aqui na fábrica, pra não dar chance de outra roubar o noivo. Agora às outras, a maior parte tem que brigar para manter o respeito, que o pessoal vai chegando e já acha que pode ir passando a mão. Precisa ensinar que não é nada disso, tem que tratar como igual, com todo o respeito.»

O ritmo de trabalho lentamente diminui. Já são perto de cinco horas. O primeiro turno termina às cinco. Seu Manuel entra, fala com Jorge e sai, apressado.

«Hoje é dia de pagamento» conta Maria. «Mas é só pra quem não faltou um dia e nem se atrasou mais de três vezes no mês. Porque esses, só recebe daqui a quinze dias. A gente acha que não tá certo, mas não sabe se eles tem direito de fazer isso. Mesmo que falta porque está doente, e traz atestado, eles segura o pagamento. Se vem com atestado, eles não desconta, mas já puseram uma lista na porta de nomes de médico que não deve trazer atestado deles, eles não aceita, desconta assim mesmo. E esses médicos são do INPS, mas mesmo assim... E se a gente traz atestado, do jeito que eles quer, eles não desconta, mas mesmo assim só paga quinze dias depois. Não pode, pode?..»

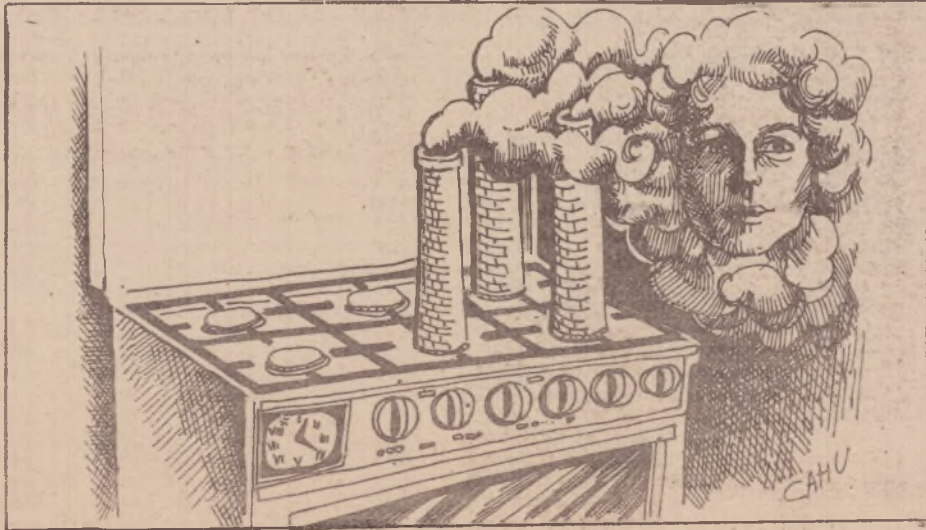
Pois é, Maria, realmente não pode. É que o dinheiro que fica em caixa mais tempo rende mais juros. E convém retê-lo por mais um mês, meio mês, o quanto der... enquanto quem de direito não reclama.

Mas hoje é dia de pagamento. Por algum tempo, cada vez mais curto, fica-se mais feliz. Amanhã, vai dar pra trazer mais do que arroz na marmitta.

Devagar, todos vão parando. São cinco horas, hora de encerrar o expediente. Vou para outra seção, onde todos também se preparam para parar e ir receber. Esperam, para não ter que enfrentar a fila na rua. Mas chega o chefe e dá um aviso, que não consigo ouvir. O velho porteiro me explica.

«Por causa de que começou também o modelo novo hoje, o pessoal não deu a produção. Primeiro dia, é sempre mais difícil acertar, só depois que dá direitinho. E ele tá lá dizendo que o patrão respiveu que o pagamento só sai às cinco e meia, e que é pra todo mundo trabalhar até lá.»

Na seção, todos em seus lugares, olham para o chefe que acabou de transmitir a ordem. Devagar, dois, três, cinco, dez, saem ao mesmo tempo de trás de suas bancadas e passam para a frente delas. Cruzam os braços e param. Mais cinco, mais dez, mais quinze param. Todos param. E ficam assim até as cinco e meia. Em silêncio. Até que saem para receber.



VIOLENCIA COTIDIANA

A violência de todos os dias, essa que aos pouquinhos vai acabando com as pessoas. Uma violência que não é feita só de pancada, mas as vezes até é feita de amor e boa intenção.

LINDONÊIA ou O Peso da Vida

Este é o depoimento de Lindonêia da Silva, 28 anos, dona de casa e mãe, internada pela terceira vez desde outubro de 1974 num Hospital Psiquiátrico do Estadc em São Paulo. Nas três vezes em que foi levado ao Hospital — com «sintomas evidentes de angústia e depressão» como diz a sua ficha — Lindonêia foi classificada, depois de uma entrevista de alguns minutos com um psiquiatra, como «psicótica maniaco-depressiva». Na sua última internação, em dezembro de 1975, a palavra «crônica» foi acrescentada a seu registro. Isso condena Lindonêia a transferência desse Hospital — onde todos as pacientes são «provisórias» e ficam no máximo três meses — para alguma das grandes Unidades Psiquiátricas espalhadas pelo interior do Estado, nas quais os pacientes, todos «crônicos», geralmente ficam para sempre.

Talvez a sorte de Lindonêia seja diferente. Seu marido é empregado de um dos psiquiatras do Hospital, que prometeu interceder para que ela vá ficando por aqui mesmo. O que também não é uma grande vantagem: desde que foi internada pela última vez, há quatro meses, ela vem recebendo choques elétricos a cada dois dias, intercalados com tratamentos de coma insulínica — ou seja é posta a dormir. Com os tratamentos de eletrochoque e insulina, qualquer pessoa ansiosa, angustiada ou depressiva, atinge um estado de torpor, um amolecimento de corpo e da vontade, que as torna de muito mais fácil manejo pelos funcionários do Hospital.

Assim, nos momentos de maior lucidez, Lindonêia admite melhoras, recebe elogios das enfermeiras e tenta convencer-se dos benefícios do tratamento. Mesmo assim, como médicos e enfermeiras não tem grandes esperanças de uma modificação do comportamento de Lindonêia, pensa-se na possibilidade de operá-la, retirando uma parte de seu cérebro considerada afetada pela «doença». O que médicos e enfermeiras ainda não tentaram foi ver as coisas do ponto de vista de Lindonêia, que conta uma história muito semelhante a de muitas outras mulheres.

A GENTE NÃO DEVE SER AVENTUREIRA

— Eu acho que fiquei doente assim foi de remorso, porque quando eu estava grávida da Amparo, eu desprezava muito o meu marido na cama, rejeitava ele toda noite, ele que é tão bom pra mim... Disse até que vai comprar um carro pra nós passear quando eu ficar boa. Agora eu não rejeito mais ele não, que eu sou esposa e cumpro o que se deve fazer, toda vez que ele quer. Mas gostar, não gosto não. Tenho medo de pegar outro filho, e de medo fico constrangida, e depois não



gosto muito de fazer essas coisas, tenho até nojo, só aceito mesmo por dever. Já expliquei pras enfermeiras que o que eu sinto é pena dele, então é só fingimento que tou gostando e pronto, ele fica feliz. Só acho que ele é demais, não precisava querer tantas vezes assim. Na noite antes de eu ficar ruim dessa última vez, ele me procurou três vezes, não aguentava mais. Depois é que me deu aquela angústia toda, eu tive que voltar pra cá. Agora fica as outras me dizendo que é pra eu deixar o Dito eu fico contente, mas isso eu não tenho coragem de fazer não. Bem que tem vez que eu vejo uns moços assim bonitos na rua, cabelo grande e calça justinha, me dá uns pensamentos de beijar eles, de abraçar eles, mais novos e mais bonitos que o Dito.

— Tem uns que mexe comigo, diz que eu sou bonita e que o Dito deve ser meu pai. Gosto tanto de ouvir eles falar. Mas deixar o Dito eu não deixava, nem trair ele não posso. Não é por causa de pecado, que pra mim isso de pecado já era, mas é que ele não merece. Gosta tanto de mim, que culpa ele tem de eu não ter atração? Mulher que casa e não atrai o marido é que

tem toda culpa. Mulher tem que amar o homem que casou na Igreja com ela. Depois, como é que eu posso querer ficar com a fama de mulher que não presta que larga o marido? Eu tenho minha filhinha pra criar e não quero que os outros chame ela de filha de uma coisa que eu não sou. A gente não deve ser aventureira. Esses moços da rua é muito bonito, mas quero ver qual deles vai ser bom como o Dito, me dar sustento e garantir o futuro da menina? Eu sozinha não consigo, tenho até medo de pensar.

A BRAVEZA DO PAI E A TRISTEZA DO POBRE

— Agora me despeço pra descer pro refeitório, é bom mexer um pouco as pernas. Também não sei pra que comer, sem fome e sem alegria não dá gosto. Também nem sei pra que ficar pensando na vida se eu não tenho mais vontade de viver, sem sentir solução pra minha doença aqui nesse hospital e também quando eu saio, não fico melhor. Eu converso assim, mas conversar, isso não vai resolver os problemas da gente.

— Eu sou do interior do Rio de Janeiro, lá de perto de Muriaé. A vida não era folgada, não, quando eu morava com a família, mas eu tenho até uma aperto de saudade. A família era tão grande que alegrava um pouco a vida. A mãe, essa sempre foi um anjo, sustentava nós tudo e sofria que só vendo porque o pai bebia e vinha fazer despotismo dentro de casa. Eu vivendo assim, constrangida com medo dele. Mas gostava da mãe e dos irmãos, que foram muitos, e apesar de que tristinha, tinha saúde de ferro, nunca fui parar num lugar desse aqui quando solteira. Al foi chegando a hora de eu ficar moça e resolver por casar. Isso de gostar é coisa complicada de dar certo. A gente gosta de um, mas quem nos quer é aquele outro, e a mulher tem que se conformar com a eleição que o homem faz e com a vontade de Deus. Eu só tinha olho naquele tempo prum moço muito bonito da cidade, mas ele casou foi com a Janice, e nem deu tempo de eu sentir essa dor porque apareceu o Dito. Eu não queria ele mesmo, não, era tão feio, e dez anos mais velho do que eu. Mas ele era homem bom e trabalhador, tinha até juntado um dinheirinho pra casar comigo. E a família e a vizinhança me infernizando: «Casa, Lindonêia, onde é que você vai achar outro homem desse pra lhe garantir e cuidar dos filhos?» Eu fui pensando que ele era mesmo homem bom e respeitador, eu muito nova e bonita e ele gostando tanto de mim. Atração dele eu não tinha, Deus que me perdoe. Muito gordo e velho, mas é homem bom em demasia, Deus que me perdoe falar dele assim. Acho que casei também pra ficar longe da braveza do pai e também daquela tristeza de vida de pobre, quem não quer?

— Nós veio pra São Paulo por causa do Dito trabalhar melhor aqui, e eu não gostei disso não. Ficava o dia todo muito só, trabalhar fora o Dito não queria, que ia me dar vida de moça direita e moça direita não tem que trabalhar. Depois nasceu a Amparo e eu tinha ela pra cuidar, mas assim mesmo era muita solidão a minha vida, eu acostumada com a casa cheia lá em Muriaé. Foi nesse tempo que começou a minha doença, essa coisa ruim que só vendo e que não tem explicação. Foi eu estar assim um belo dia pensando na vida e de repente me deu aquele desespero, uma angústia que nem sei de que, um medo horrível como se eu tivesse feito alguma coisa errada, como se algum castigo ruim fosse me acontecer. «Dito, me leva prum hospital, que eu tou vendo que eu vou enodoecer», foi só ele ir chegando do trabalho e eu já pedindo. Dessa vez, já faz uns anos, eu fiquei só tres meses e sai. Mas depois tive que voltar passando um tempo e essa já é terceira vez e cada vez demora mais pra sair essa alta. Será que eu vou ficar aqui de vez?

Nós, mulheres preocupadas com a situação da mulher na sociedade brasileira, interessadas em discuti-la amplamente e em agir no sentido de modificá-la, vimos através desta manifestar nosso repúdio à violenta censura exercida sobre a Edição Especial que o jornal «Movimento» pretendia lançar em seu número 45, sobre um tema único: «O Trabalho da Mulher No Brasil», e reivindicar a liberação, na íntegra, do material censurado.

A preparação dessa edição envolveu esforços de dezenas de pessoas em todo o país-jornalistas, grupos de estudos, movimentos feministas e femininos, e a população feminina em geral, através de seus depoimentos. Grupos de pessoas se debruçaram sobre as estatísticas do IBGE, em busca de um quadro exato sobre o trabalho feminino nos diversos setores de atividades: enquanto repórteres percorriam o país em busca do retrato das condições de vida das trabalhadoras - desde as professoras no interior de Minas Gerais, até as varredoras de rua em Salvador, passando pelas «bóias - frias», pelas secretárias, pelas empregadas domésticas, trabalhadoras na

indústria e muitas outras.

A matéria final - que resultou em 305 laudas mostrava alguns pontos essenciais: a dupla jornada de trabalho da mulher (dentro e fora de casa); a função econômica de seu trabalho doméstico, sua condição de força industrial de reserva, chamada para o trabalho remunerado em épocas de crise; as diversas discriminações e barreiras à sua integração na sociedade, através do trabalho remunerado produtivo; sua chamada ao mercado de trabalho para funções subalternas abandonadas pelos homens em função do baixo salário; a remuneração inferior à do homem pelo mesmo trabalho; a falta de infra-estrutura social que lhe possibilita melhores condições para o exercício de sua função (creches, restaurantes populares, etc), e sua mobilização incipiente visando modificar sua situação concreta.

No entanto, o amplo acesso a essas informações nos foi violentamente negado. A redação do jornal «Movimento» nos informou que, de 305 laudas de texto enviadas ao Departamento de Polícia Federal para censura prévia, 287 laudas

foram vetadas. Das 69 fotos enviadas, 58 foram vetadas. De 13 desenhos e vinhetas, foram vetados. E, finalmente, de 12 tabelas com estatísticas do IBGE sobre trabalho feminino, 10 foram vetadas.

Neste ponto, é necessário ressaltar que a censura específica com relação ao tema «Mulher» vem se manifestando também em outros setores, tais como: livros de Rose Marie Muraro, peças de teatro e até mesmo pesquisas sobre a situação da mulher brasileira que constam na Bibliografia realizada pela Fundação Carlos Chagas, e vetada nesta edição do jornal «Movimento».

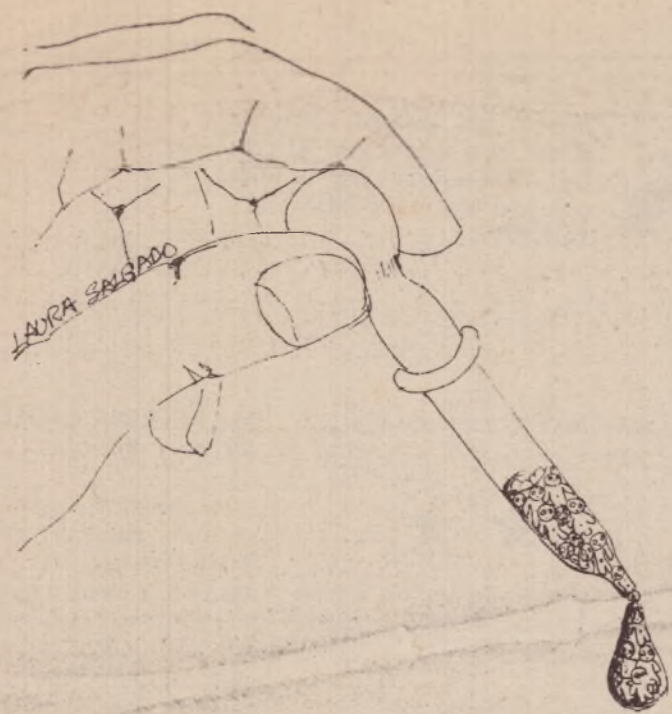
Desta forma, consideramos absurdo o fato de a mulher poder viver esta situação e não poder ser informada a respeito dela. Ficamos, portanto, impossibilitadas de ter uma perspectiva abrangente e não apenas individual, de nossa realidade, sendo-nos também negada a tentativa de mudança da atual situação. Mudança esta que o próprio governo brasileiro reconheceu necessária e endossou, ao assinar em julho de 1975, no México - o «Plano de Ação Mundial», proposto

pela ONU, que projeta o Ano Internacional da Mulher por uma década. Este plano consiste no equacionamento de todos os problemas da mulher no mundo, visando uma estratégia global para que os objetivos de desenvolvimento, igualdade e paz, fossem atingidos. Para tanto, é evidente a necessidade de discussão aberta e acesso à informação e à cultura como direito de todos, conforme tese do iminente jurista doutor Pontes de Miranda, apresentada na Conferência Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil, em agosto de 1974.

Em face do exposto, e respaldadas em nosso direito de cidadãs, protestamos veementemente contra o cerceamento de informação no país, reivindicamos ampla liberdade de expressão e a total liberação do material censurado em 6 de maio de 1976.

MOVIMENTO FEMININO PELA ANISTIA
SOCIEDADE BRASIL MULHER

GRUPO NÓS MULHERES



CONTROLE DE NATALIDADE

SER OU NÃO SER

MÃE

Parece que é moda dizer que existe miséria e pobreza porque a população do mundo não para de aumentar (já somos 4 Bilhões de habitantes), e que assim fica impossível criar boas condições de existência para todos, se continuarmos sendo cada vez mais numerosos.

Mas essa moda esquece de considerar que ao mesmo tempo que o crescimento da humanidade se torna espantoso, mais espantoso ainda é o seu crescimento econômico e científico. Se a população cresceu, a produção de bens, técnicas e serviços, capaz de manter a todos, também cresceu e pode crescer muito mais.

Além disso, essa história de que não há recursos que acompanhem esse crescimento populacional, parece indicar que os recursos naturais se esgotaram. Quando, na verdade, sabemos que as possibilidades, de produção industrial são inestimáveis, sem falar das perspectivas da agricultura se passar pelas mudanças sociais e técnicas que se impõem. Isso, sem falar no aproveitamento dos recursos dos oceanos e nas jazidas de combustíveis e minérios, inexplorados. É também interessante lembrar o esbanjar e desperdício de alimentos nas mesas dos países ricos, que daria para suprir a falta de alimentos dos pobres, se a distribuição fosse mais equitativa e justa. Assim, menos pessoas morreriam de indigestão ou de regimes de emagrecimento, por um lado, e outros não morreriam de fome, de outro lado. Mas o que vemos acontecer hoje é que essa expansão demográfica passou a ser responsabilizada pela produção insuficiente de alimentos, pelos problemas de saúde pública das grandes cidades, etc. No fundo, é o mesmo que dizer que os pobres são culpados pela própria miséria, por terem muitas relações sexuais e muitos filhos.

Na verdade, nos países subdesenvolvidos, estas questões se impõem como fundamento para um tipo de desenvolvimento. Num desenvolvimento que também pensa em resolver seus problemas básicos através do controle da natalidade - como se eliminasse a pobreza pela remoção de suas vítimas, ao invés de resolver o problema em profundidade.

É justamente o caso da Índia, onde chegam ao extremo de punir, através dos impostos, as famílias com mais de dois filhos. Homens e mulheres são incentivados a se

esterilizar. Assim, dezessete milhões e meio de homens já foram esterilizados em troca de rádios de pilha, guarda-chuvas etc. Contudo, o país continua tão pobre e tão populoso como sempre. E no entanto, nos países desenvolvidos o controle da natalidade acontece naturalmente, como resultado de um padrão de vida melhor. O crescimento populacional excessivo é portanto *consequência* e não causa da miséria. Assim, o desenvolvimento de condições que melhorem o padrão de vida da população, (tais como: melhor distribuição da renda, a extensão de planos de saneamento, educação, assistência médica etc.), é que modificariam as raízes do problema.

E QUAL A POSIÇÃO DA MULHER DIANTE DISSO?

Isto, de ser reduzida a uma mera máquina que pode ou não fazer filhos, conforme a produção estipulada pelo Computador Central do Estado, parece não considerar o ponto de vista da mulher. Cabe a ela resolver se, quando e quantos vão nascer de seu ventre. E é claro que, para haver uma real liberdade de opção, é necessário considerar uma série de condições. Em primeiro lugar, note-se que interessa à sociedade, como um todo, que ela tenha filhos. Sem isto, o mundo acaba quando nós morremos.

Mas, para que ela possa optar por ter filhos, a mulher deve ter garantias quanto a manutenção de emprego e salário durante a gravidez. E para isto, como mostra o depoimento de Ana, é preciso que se decreta a estabilidade da gestante, complementando a passagem do salário-maternidade para o INPS. E também que ela possa dispor de um tempo razoável para cuidar do filho, enquanto ele precisar disso. Na Hungria, esse pra-

«Não tenham mais de dois filhos» dizem-nos na Índia. «Tenham muitos filhos» diziam-nos na Alemanha nazista. Nos dois casos, controlando-nos como se fôssemos máquinas reguláveis e sem vontade própria.

A opção, achamos, deve caber a nós, mulheres. A sociedade, por outro lado, cabe fornecer os meios necessários para que possamos ter esses filhos em condições adequadas, e também para que possamos optar por não tê-los, se assim preferimos.

zo foi estendido para dois anos, renumerados. Na Suécia, a licença-maternidade cabe ao casal, para que também o pai possa conhecer bem e cuidar da criança.

Fora isso, é também necessário ter um excelente atendimento médico e um parto decente para todas as mães. Depois de nascer, tanto a criança como a mãe devem ter boas condições de vida. É preciso ainda que haja creches que assegurem uma boa assistência aos filhos - que não sejam meros depósitos de crianças - e que permitam que a mãe continue trabalhando. Já que o ensino é obrigatório, a criança deve ter direito à escola. É claro que tudo isto deve ser gratuito, já que pagamos imposto para este fim.

Em segundo lugar, é preciso também poder optar por não ter filhos, já que sexo e procriação não andam necessariamente juntos. Isto quer dizer que todas as mulheres devem ter todas as informações sobre os métodos anticoncepcionais que existem. Saber quais são os problemas que podem causar, como controlar erros, possíveis efeitos, enfim, como funcionam.

É fundamental que todas as mulheres possam cumprir e controlar o método anticoncepcional que melhor convier a cada uma. Poder também exigir e serem atendidas que se pesquise algum método realmente eficiente e que não tenha *nenhum efeito* colateral. E que também se pense em algum anticoncepcional que possa ser usado pelos homens - afinal, não há nenhuma razão pela qual só nós, mulheres, devamos arcar com esse peso: a matéria prima para um anticoncepcional masculino já consta das pílulas que tomamos. A única diferença, é que nos homens, os efeitos colaterais são externos, e portanto visíveis - mais uma garantia de que um produto insatisfatório não terá longa vida no mercado. Só depois de postas toda essas condições as necessárias para ter e criar os fi-

lhos, bem como os meios para evitá-los sem consequências nocivas para a saúde - é que se torna aceitável a idéia de planejamento familiar, pondo à disposição dos casais, os conhecimentos e recursos que lhes permitam determinar o número de filhos que querem ter. No Brasil, como em quase toda parte, ainda faltam as condições materiais necessárias para que todas possam ter e manter os filhos que desejarem, a garantia de salário, atendimento médico, boas condições de vida para todos, creches etc. Assim como falta considerar os riscos que envolvem o uso dos anticoncepcionais utilizados também nas clínicas de planejamento familiar. Médicos de renome, como o dr. Mário Victor Pacheco, começam a se pronunciar a respeito, e pintam um quadro assustador dos efeitos, a médio e a longo prazo, das pílulas existentes, dos DIUS (Dispositivos Intra uterinos) etc. Sendo o nível de saúde da maioria das mulheres que esses locais atendem bastante precário, tais efeitos podem ser ainda mais agravados.

Vemos, por exemplo, a BENFAM, organização que se diz a serviço do planejamento familiar, distribuir arbitrariamente e de maneira maciça, pílulas e DIU por todo o nordeste. Só no ano passado, ela atendeu 1.398.000 mulheres. Calcula-se que 3.000 mulheres foram esterilizadas na região da Transamazônica, que nem sequer é muito populosa.

As verbas para este programa já em 1973 chegaram a 3 bilhões de dólares, que devem ter feito a felicidade de muita indústria farmacêutica, e que poderiam ter contribuído para o desenvolvimento de planos de saúde, saneamento, creches, educação e muitos mais.

Precisamos poder optar e ter as condições para isto. Ter as condições para ter, ou não ter esses filhos. Não queremos ser máquinas vítimas de um mero controle da natalidade.

Recebemos uma série de cartas, mesmo antes do jornal estar nas bancas, o que deixou a equipe toda muito feliz. Este é um dos nossos objetivos: esta-

cartas

belecer um diálogo cada vez maior com nossas (os) leitoras (es). Para sermos cada vez mais o jornal de todas NÓS MULHERES.

«A meu ver, o grande, o básico problema feminino, é a desvalorização do trabalho doméstico — causada pelo advento do mercantilismo, e a valorização social com base na remuneração financeira do trabalho. É a economia do mercado e sua mentalidade corruptora que provocaram a degradação do papel doméstico, socialmente tão importante como o da produção de alimentos.

Ninguém vai me convencer que lixar as unhas de um executivo numa barbearia seja mais importante que mudar as fraldas de um filho em casa. Nem que seja mais útil, ou mais necessário. O trabalho, porém, não vale por seu produto, e sim por seu preço. Essa é a primeira distorção mercantilista, totalmente absorvida e levada a seus últimos extremos pelo capitalismo.

O trabalho da mulher fora de casa pode ser um passo para a sua emancipação pessoal (que deixa de depender de pai ou marido), ou, de outro lado, ser manobra de uma classe empregadora, que precisa de excedentes de mão-de-obra, para baratear seus custos. (...) Mesmo problema da mecanização da lavoura e do aumento de produtividade agrícola, que, em última análise, só beneficiaram o grande produtor, as multinacionais das maquinarias e do petróleo, expulsando do campo o trabalhador rural para amontoá-lo nas favelas urbanas, numa perpetuação (desejada) do emprego e do subemprego.

Acho isso muito importante, porque muitas ações feministas acabam justamente fazendo o jogo das classes dominantes e ajudando a manter o status quo. (...) Sob um ângulo semelhante encaro o problema da creche. Minha opinião é que de

um modo geral, a creche é um depósito de crianças, por não estar integrada dentro de uma política educacional. E a creche filantrópica, mantida por senhoras de boa vontade ou irmãs de caridade, apenas mascara as reais necessidades das famílias assistidas, e salva os patrões de uma obrigação que está clara na CLT, a de manter creches próprias no local de trabalho, para que a mãe não perca o contato com o filho nem se dissolvam suas relações psíquicas e afetivas. A luta pela creche, na minha opinião, deve assentar bateria justamente sobre este ponto: cumpra-se a lei. (...)

A luta da mulher não é contra o homem, assim como a do negro não é contra o branco, e sim contra um status quo, que escraviza e degrada o ser humano. Status quo que mantém uma cultura que afirma ser o trabalho feminino doméstico inferior ao assalariado, o sistema de vida do índio inferior ao do branco ocidental, a cor preta abaixo da branca, e a castidade acima da sexualidade livre.

O problema de muitas mulheres, da maioria, é sua falta de combatividade, de convicção. Ela pede, não exige. Ela espera, não obtém. Ela quer igualdade de condições sociais e profissionais, mas se arrepiante ante a barra pesada do mundo além das portas de sua casa.

A mulher não pode pretender ser emancipada, se exige que seu companheiro lhe pague o cinema ou lhe ceda o lugar no ônibus, se desmaia ao ver sangue e se arrepiante ao ouvir palavras. A destruição do mito da feminilidade, em tudo aquilo que não for justamente sexual e portanto biologicamente justificável, me parece importante.

Por que uma mulher deve cuidar da casa e o homem trabalhar na rua? Hoje, isso já é

discutido. Mas causa escândalo que uma mulher trabalhe fora, enquanto o marido fica em casa cuidando dos filhos. Por que?

E por que a aposentadoria da mulher é concedida antes da aposentadoria do homem? Quando se sabe que é exatamente a mulher que tem mais esperança de vida no contexto atual? São discriminações que a própria feminista não discute. Má fé? Comodismo? um abraço.»

**Tânia Jamardo Faillacze
Porto Alegre — RGS**

Tânia: ufa! você realmente provoca. Mas isso é bom. De acordo: a mulher é meio vítima, meio cúmplice, como todo mundo. Mas cabe dar-lhe a atenuante da educação que ela recebe (e que transmite, tornando-se cúmplice aí também), que faz dela um ser passivo e charmoso. Culpar apenas ela por sua passividade seria o mesmo que culpar o pobre por sua desgraça. Além disso, v. não acha que seria conveniente mesmo assim pensar as assim chamadas «características femininas» e ver o que presta nelas, pra não se jogar o bebê junto com a água suja? Será que ela deveria aprender a ver sangue sem se chocar, ou eles deveriam precisar menos de visão da violência? Deveríamos nós pedir que se acabe com a proteção à mulher no trabalho, igualando-a ao homem, ou exigir que essas regalias se estendam a todos? Dizem que a mulher é mais sensível. Será que o homem não deveria também se permitir a manifestação dessa sensibilidade, ao invés de endurecermos a couraça dos dois?

Gostamos muito de suas cartas. Escreva o que quiser, que tentaremos publicar. E não será por nós que seus textos sofrerão censura ou modificação. Não somos disso.

«Muito já se falou a respeito de liberdade de sexo para as mulheres, tão falado que muitas mulheres, em sua maioria das classes mais privilegiadas, foram obrigadas a aceitar sexo como uma coisa corriqueira, sem que elas próprias, no fundo estivessem preparadas para manter relações sexuais sem serem casadas. (...) Se quiser começar pelo caminho mais rápido, e sair por aí mantendo relações sexuais, em pouco tempo sua cabeça estará tão pesada, que você terá que descansá-la de vez em quando no sofá do

**analista.»
MARCOS BÉHAR
Niterói — RJ**

Pois é Marcos, ninguém deveria ser obrigado a aceitar nada em termos de sexo. Agora, os problemas decorrentes de um relacionamento sexual insatisfatório infelizmente não são privilégio de nenhuma classe, estado civil ou sexo. Só que, mais do que simplesmente dar passos menores, como você sugere, não seria caso de discutirmos abertamente esses problemas, exorcisar os fantasmas

e minhocas que nos puseram na cabeça, conversando aqui, entre nós? Afinal, quando se sabe que **80% das mulheres não chegam a ter orgasmo**, e que, por outro lado, **não existe mulher frígida**, isso já deixa de ser problema a ser levado ao psicanalista, porque **não é simplesmente um problema individual.**

Que parcela cabe à repressão sexual imposta pela sociedade?

Que parcela cabe aos homens? O que acontece com as mulheres? Discutiremos tudo isso

adiante. Mas é interessante já ir pensando no caso, não acha?



«...este título lembra o estribilho de uma marcha de carnaval (ano?):

‘Nós, as mulheres, ai! sofremos tanto, ai! Nós, as mulheres, ai! Sofremos ta-a-anto!...

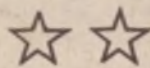
O Grupo NÓS MULHERES não representa, nem representará a realidade de todas nós, mulheres. O resultado inevitável será mais uma falsa imagem da Mulher, podendo chegar ao ridículo, lembrada a possibilidade de ser publicada matéria por homem sob nome feminino. Meus cumprimentos pela idéia e muito sucesso!»

**ODETE DE BASTOS RUIZ
RJ**

Chegaremos lá, Odette, chegaremos lá no dia em que todas as mulheres quiserem mudar as suas diversas realidade num mesmo sentido. Enquanto isso, você não quer mandar a melodia da marchinha?

Quanto a matérias de homens sob pseudônimo masculino, já fomos ameaçadas disso. Mas não se preocupe: assim que os homens passarem das ameaças à ação, assinando o seu próprio nome, publicaremos o Suplemento Masculino. Gostou da idéia?

Gratas pelo material mandado. Esperamos que continue.



«Queremos participar do jornal, colaborando com o que for preciso». — Flora Melo — Recife-PE; — MÁRCIA DE ALMEIDA — RJ; PAULA DUQUE — Belo Horizonte-MG; AGNES CARDOSO — Salvador - BA; LIA C.B.R. RAGGIO — Piracema - SP; — JANDIRA VARGAS BUENO — Curitiba-PR; ROSANE Labate - Sto. André-SP;

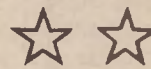
Agradecemos o oferecimento. Por favor divulguem, discutam o jornal com quem mais tiver lido e mandem os comentários, para nos orientar. E enviem matérias, já que vocês todas de certa forma trabalham com isso. O que não pudermos publicar será ao menos justificado.



«E queremos saber onde encontrar o jornal, por onde vai circular etc.» ROSANA RENZENDE — Alegrete-RGS; KÁ-

TIA MARINA REGO — Porto Alegre — RGS.

Pretendemos, assim que for possível, circular por todo o Brasil, sempre nas bancas, e nos outros lugares que nos oferecerem (associações, diretórios estudantis). Pedimos uma mão neste sentido. Onde isso não for possível, aceitaremos pedidos de assinaturas.



«... Se possível me enviarem alguns exemplares de NÓS MULHERES que seriam estudados nas aulas de JORNALISMO COMPARADO, da PUC, de Campinas.» MÁRIO L. ERBOLATO — Prof. de Jornalismo Comparado da PUC/CAMPINAS — SP.

Claro, professor, com todo o prazer. Esperamos que seus alunos — e principalmente suas alunas — saibam apreciar também o conteúdo e a proposta que é o jornal. Porque a linguagem, o estilo certamente mudarão, até conseguirmos nos livrar do peso e das barreiras que a linguagem que nos ensinaram coloca entre nós, mulheres.



«Sou radialista e professora universitária aqui em Santa Maria. Eu poderia divulgar o jornal através da rádio...» JANETE ROLIM — Santa Maria — RGS.

Acertou, Janete: sua oferta nos interessa muitíssimo. Não há nada como o rádio para acompanhar o dia de trabalho solitário da dona de casa, e outros. Aliás, a dona de casa que todas nós somos, trabalhando fora ou não, deverá merecer um maior destaque no próximo número, além de outros assuntos.

Mande-nos também suas sugestões, suas críticas. Estamos tentando achar o caminho. O que sugerem suas ouvintes? E você?

NOTA DA EQUIPE

Alô pessoal da NOVA, COO-JORNAL, UNIDADE, VER-SUS e outros órgãos da imprensa (principalmente de Porto Alegre, pelo que ouvimos dizer) que andaram divulgando o nosso jornal: **muito obrigado pela atitude simpática.**

NÓS MULHERES

BATE PAPO

Uma tarde de debates. O tema: situação da mulher no trabalho.

Local: sindicato dos jornalistas, SP.

Transcrevemos um trecho da conversa entre Paulo Singer (economista),

Joana (operária), Maria (professora primária),

Rachel (jornalista), Laurinha (socióloga) e Ana (operária).

Para a sua apreciação.

Paulo Singer - Existe efetivamente da parte de todo mundo, a consciência de que o trabalho da mulher é complementar. (...) Quer dizer, existe como se fosse uma ordenação social: quando há novas oportunidades de ganhar mais, os homens vão lá e abrem lugar prá trás para as mulheres. Isso é uma clara discriminação. Na fábrica, foi dita a mesma coisa, trabalho feminino é um trabalho pouco qualificado e ele é considerado pouco qualificado porque é feminino. Isso é muito importante dizer.

Joana - Mas ela não ganha menos porque ela é dependente?

PS - Essa é provavelmente a razão alegada, mas não é preciso que a gente aceite. Como a mulher ganha alguma coisa, além do que um homem da família já está ganhando, ela se satisfaz com menos. E isso, do ponto de vista de quem emprega, é uma enorme vantagem.

Maria - Agora veja bem, você vê esse tipo de exploração aí só com o trabalho não qualificado. Se a gente tivesse mais educação e trabalhasse noutras coisas, seria diferente.

Rachel - Olha, jornalista também está passando a ser uma profissão feminina. Só que, por um lado, está baixando os salários ao mesmo tempo que está passando a ser uma profissão feminina. E por outro lado, v. entra numa redação e vê a mulher trabalhando na seção de coisas variadas, diversos, caderno feminino, revisão, coisas assim. Economia, política e coisas mais importantes, e melhor pagas, geralmente são só para os homens. Essa diferença no trabalho existe em todos os níveis.

Laurinha - Essa exploração pelo sexo, pelo estado civil, pela cor, essa exploração continua existindo. Num trabalho não qualificado, ela se perde, se dilui, mas à medi-

da que começa a qualificar o trabalho, esse tipo de exploração não aparece?

PS - V. quer dizer de outras coisas que não o sexo? Estou de acordo, é claro que existe. Existe discriminação racial, a discriminação da mulher casada. Não estou negando isso, mas como o assunto é mulher, estou dando ênfase a esse aspecto.

Rachel - V. disse que no caso das margaridas, à medida em que as mulheres entravam no campo de trabalho, os homens em geral acabavam saindo de vez. Eu só queria te lembrar o caso da mulher na construção civil. Parece que a arquiteta Angela Duaia, no Rio, estava defendendo a tese segundo a qual deveria se modificar a lei para que a mulher pudesse trabalhar nisso normalmente. E ela foi levantando uma série de razões: dizia que a mulher trabalha melhor, é mais rápida, mais eficiente, causa menos acidentes, que as firmas de construção civil que as empregam estão satisfeitas e também porque, nos lugares onde trabalham homens e mulheres, prá não ficar prá trás, os homens trabalham muito mais do que trabalhavam antes.

PS - Essa sua observação me lembra um problema, que eu não sei como resolver, mas que vou levantar. Quando se fala de intensidade de trabalho, isso foi levantado pela Dora, ela falou uma coisa muito séria, é o fato de que a empresa paga de uma forma tal que exige o máximo, a ponto de realmente exaurir o que deveria ser a seiva vital das pessoas. Então os trabalhadores, em solidariedade e auto-defesa, reagem. Será que as mulheres são capazes da mesma solidariedade? Elas estão tão ansiosas em conseguir entrar no emprego, que elas efetivamente dão mais do que os homens que já

estão há muitos anos nisso, já têm mais condições de se auto-defender. Eu pergunto sem pixar ninguém, mas isso é um problema sério.

Ana - Eu acho que v. tem razão, realmente isso deve acontecer, mas isso talvez seja próprio do ser humano, não do homem ou da mulher, de se acomodar no serviço. Porque quando ela falou das margaridas, agora a gente vê muitas margaridas conversando umas com as outras e andando em ritmo mais lento, não aquilo de varrer depressa. Então no começo, pode ser que ela esteja com aquela vontade, por fazer uma coisa diferente. Depois, como o homem no serviço, ela já trabalha mais devagar, conversando com a outra, acomoda na situação.

PS - Sabe o que acontece? Na fábrica isso é mais complicado porque existe pagamento por peça, e a tendência é de arrochar isso e forçar o trabalhador a dar muito mais do que ele em sua consciência poderia dar. Então os trabalhadores se combinam, em última análise, prá se defender. Agora, como as operárias estão muito mais ansiosas pelo trabalho, naturalmente com razão, elas podem ser um material mais fácil de explorar. Se pudéssemos abrir a consciência das mulheres que trabalham, nesse aspecto, seria uma coisa muito importante, a meu ver.

Laurinha - Eu acho que abrir a consciência seria conscientizar as mulheres a não aceitarem uma remuneração menor. Por que aceitar?

Ana - Isso não pode ser individual, entende. A mulher sozinho não pode deixar de aceitar, senão ela morre de fome. Tinha que ser algo mais coletivo, possivelmente em sindicatos, nas formas que forem encontradas. Tem que ser coletivo.

retalhos

O Hospital do Cancer tem atendimento gratuito diariamente das 7:30 às 17:00 hs. e aos sábados até às 12:00 hs.. na rua Professor Antonio Prudente, 211 - Fone: 278-8811



A picada de um inseto em si, não incomoda. O pior é o veneno que eles deixam, pois produz dor, coceira e ardência. Para aliviar essas irritações, você pode usar vários remédios:

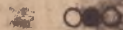
1. esfregar a parte dolorida com salsa.
2. passar partes iguais de água e vinagre sobre o local da picada.
3. sal molhado também resolve.
4. fazer compressas com rodela de cebola é outro remédio eficiente.
5. quando o inseto deixar ferrão, aplicar o fumo em borda molhado em pinga: alivia a dor e faz o ferrão sair.

Muita gerações usaram e ainda é muito difundida a medicina caseira. Baseada em folhas fáceis de se encontrar, normalmente, tomadas como chá, esses remédios aliviam a dor e resolvem pequenos problemas.

Agrião: é fortificante físico e pulmonar, além disso abre o apetite. Se forem acrescentadas algumas colheradas de mel ao chá bem forte, é calmante da tosse.

Alho: O chá de alho combate a gripe e resfriados em geral.

Camomila: O chá das folhas e mesmo das flores de camomila, é ótimo para as dores de barriga das crianças.



As crianças e adolescentes em crescimento, precisam praticar exercícios e esportes ao ar livre. A prefeitura tem os Centros Educacionais com parques, piscinas, quadras de futebol, volei, basquete, judô e até cursos de corte e costura. A mensalidade é de Cr\$ 5,00 para adultos e Cr\$ 2,00 para crianças. Leve seus filhos no local mais próximo de sua casa. Damos aqui alguns endereços que você pode procurar para maiores informações:

Ibirapuera: Av. Pedro de Toledo, 1591.

Mooca: Rua Taquari, 635

Santana: Parque Domingos Luis (perto da rua Leoncio de Magalhães, 709)

Vila Alpina: Av. Francisco Falcão, 100

Santo Amaro: Rua Padre José Maria, 555

Pirituba: Av. Agenor Couto de Magalhães, 32 (travessa da Av. Mutinga).

O Instituto de Neuropsiquiatria de São Paulo atende gratuitamente, em convenio com o INPS, à Rua Prates, 165, e para internações, à rua Boa Vista, 541 - Morumbi.



Para se manter a boa saúde e o perfeito funcionamento dos órgãos como os olhos, aparelho digestivo e aparelho respiratório, é necessário ingerir diariamente, alimentos que contenham a vitamina A, que é encontrada na cenoura, abóbora, batata-doce, manga, pessego e melão, também em verduras como: espinafre, alface, brócoli e outras folhas verdes.



Colabore para a independência de Nós, Mulheres

mande sua contribuição:

Artigos, Fotos, Desenhos, Dinheiro, Sugestões, Elogios,

Flores, Doces, Críticas, Incentivos, Cheques, etc.

COLABORARAM NESTE JORNAL

Aniko ■
Avani Stein ■
Bia Kfoury ■
Carolina Macedo ■
Cica ■
Cida Aida ■
Cida Spinola ■
Conceição Cahú ■
Jane Raschkovsky ■
Laura Salgado ■
Leda Cristina Orosco Galvão ■
Lia Katz ■
Liane Ralston ■
Lygia Chiarottini ■
Maria Inês Castilho ■
Maria Inês Zanchetta ■
Maria Moraes ■
Maria Rita Kahn ■
Mariana Francisca M. Monteiro ■
Marisa Correa ■
Marli Gonçalves ■
Mazda/Elsa ■
Rachel Moreno ■
Renata Vilas Boas ■
Solange Padilha ■
Suzana Camargo Kfoury ■
Theresa Bissotto ■
Vilma Grisinki ■
Yolanda Musa Licio ■

Vera de Jesus ■
e todas as mulheres que contribuíram com seus depoimentos

DISTRIBUIÇÃO:
São Paulo - França Pinto

NÓS MULHERES:
Jornalista Responsável:
Marisa Correa

NÓS MULHERES é uma publicação da Associação das Mulheres.
Administração e redação:
Rua Carlos Vaz, 370
Morão - Fone: 278-9010
Composto e impresso na
Empresa Jornalística AFA
Av. Liberdade, 704 - Fone:
278-9010



ESSA NÊGA FALOU!

Desde a introdução da mulher negra no continente americano, sua sina foi, com a de todos os seus irmãos de raça, a de ser coisa, objeto, instrumento de produção e reprodução. Assim a mulher negra brasileira recebeu uma herança malfaseja.

Assim começa o depoimento de Estela a assembleia que lotava o auditório da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) no dia 2 de julho de 1975, por ocasião da semana comemorativa do Ano Internacional da Mulher, organizado pela ONU (Organização das Nações Unidas) e por um grupo de feministas do Rio de Janeiro. Era a primeira vez, quem sabe, que a mulher negra tinha oportunidade, no Brasil, de manifestar a sua revolta publicamente. Isso porque se a mulher sofre socialmente por causa de seu sexo, a mulher negra tem ainda sobre ela a carga racial. Sua imagem está ligada e simbolizada pelo samba, ritmo e sensualidade africana e em contra partida a cozinha e o analfabetismo. É por isso que, no momento em que este jornal abre suas colunas para denunciar as diversas formas de opressão que recaem sobre a mulher, consideramos importante ouvir Estela de novo - ela que não é apenas uma pessoa isolada, mas parte de um grupo de mulheres negras que trabalham hoje ligadas ao IPCN - Instituto de Pesquisas de Culturas Negras no Rio de Janeiro. Com a palavra Estela.

profissão: professora formada em Pedagogia
emprego: datilógrafa

origem: classe média de Barra Mansa,
Estado do Rio

local de moradia: pensão no Rio de Janeiro
idade: 23 anos

cor: negra

O preconceito no Brasil se dá de mil formas. É a famosa sutileza brasileira. Acho que é evidente. Você pode ver a diferença no ônibus. O das três da tarde na maioria só dá branco. Já o das sete, só tem preto. É o pessoal que vai pegar o trem da Central, é o horário do trabalhador. A camada trabalhadora é principalmente negra e mulata, sobretudo no estado do Rio e no interior. Aliás, no Norte é ainda pior. Por exemplo, tenho um amigo que esteve há pouco tempo em Pernambuco e me escreveu dizendo: «Os pretos por aqui, sem exceção, estão todos ainda com uma saca de café na cabeça.» Pois é. E ainda tem o problema do mulato que, em outros países, é considerado como preto e que aqui é considerado branco. Tem ainda essa corrida: «Eu sou mais branco que vocês, vou ganhar um pouquinho mais.» É uma disputa violentíssima.

Você começa pelo mercado de trabalho, onde as coisas apertam mais. Se você fica na faixa de empregos como empregada doméstica ou músico, você não incomoda, quer dizer, não incomoda no nível do mercado de trabalho. Mas, na medida em que você estuda e quer subir, arrumar outros empregos, começam a te limitar. Mas num nível geral, não colocaria o preconceito só como uma questão de posição social. É mais visual, é uma questão de pele. Se você for negro, você é diferente das outras pessoas. Você carrega na cor toda uma história de escravidão,

dentro de você. Quer dizer, a pessoa olha pra você e tem toda uma história de pobre. Quando se fala pobre, se fala preto, e se fala preto, se fala pobre. Pobre e preto, tá tudo juntinho. É ver lade que você tem toda uma descendência de escravo. Mas isso não é motivo pra colocar uma pessoa sempre como humilde, bonzinho, como se você fosse obrigado a aturar tudo, pra ser aquele preto maravilhoso. Sabe, no fundo é aquele negócio: «Eu vou te xingar, mas você não vai dizer nada.» Então acho que isso transcende o mercado de trabalho.

Por outro lado, se você subir socialmente, você pensa que não vai ter mais problema. Mas a questão é que você vai se afastar do grupo de negros que está na maioria nas classes pobres. O que acontece é que você realmente não vai ser mais negro. Seus amigos, ou a pessoa com quem você vai se casar, também não, porque você vai procurar alguém da mesma classe. Então você vai se afastar e perder a identidade racial. Mas, além do grupo de amigos que te aceitam, você continua a andar na rua. Nos prédios, eles vão mandar você entrar pela porta de serviço. Quando for procurar emprego, você já sabe qual é a barra. Quer dizer, no fundo, as coisas podem amortecer dentro de você, mas a partir do momento que sair daquele grupo, se não tiver consciência da discriminação, você vai se desestruturar. Foi a experiência que eu tive. Eu convivo muito mais com pessoas brancas na faculdade. Mas teve um momento em que comecei a virar folclore. Também tem essa... Por causa disso, você fica marcada pelo que as pessoas querem e dizem que você é, e não pelo que você é. Pra contrabalançar, você cria uma estereótipo: um comportamento pra não ser mais discriminada. Mas ninguém aguenta viver assim.

Quer ver uma coisa? No lugar onde trabalho, tem uma placa na porta que diz: «entre sem bater». Ai, comecei a observar, todos os vendedores negros batiam antes de entrar... É muito sutil. Você sente que ele não quer errar nem um minuto. Porque preto tem que ser impecável. E isso tem um fundo de verdade, que minha mãe, meu avô também sempre me diziam: «Minha filha, você é preta e tem que andar na linha, acima da média.» Por isso, se você for bonzinho, passa a ser aquele preto com que todo mundo pode contar. Eu acho que o melhor é mesmo ser agressivo, é uma forma de reagir às coisas. Melhor que guardar. Você fica atento ao que as pessoas estão fazendo. Pode ser errado, mas é uma forma de preservação.

Em termos de grupo, no Brasil, o negócio é se tornar o preto bonzinho. Não protestar, deixar ser enforcada. É claro que tem pessoas pretas que estão vendo as coisas, mas muitas vezes elas estão sozinhas e a agressividade se torna uma coisa individual. E quando falei de agressão, estou querendo falar de uma agressividade consciente, porque ela também pode ser alienante. O problema é saber qual é a saída. Pra mim, a discriminação pode acabar no dia em que a sociedade aceitar as diferenças. É um branco chegar e dizer: «É, aquele cara é diferente de mim.» E não: «Você não é tão preto assim.» Eu tenho minhas características de preto e você de branco, e eu te respeito na medida em que você é uma pessoa. É só. Pra chegar a isso, é preciso acabar com os estereótipos da submissão. Saber que você foi escravo, que veio pra cá. É preciso todo um trabalho de educação,

ver como foi realmente a história do Brasil até agora. Nesse trabalho vejo a mãe como uma figura muito forte. Ela fica em casa transmitindo. Acho que no momento em que ela quiser transformar as coisas, ela tem todo o poder na mão.

No depoimento da ABI, o nosso grupo colocava o duplo problema: o de ser mulher e ser negra. Na verdade, como mulher, você está um pontinho abaixo na escala social. Como negra, nem se discute: você nem existe. Enquanto entidade Mulher Negra, percebe? Você está dentro dos estereótipos que fazem da negra: você é cama, cozinha e babá dos filhos da mulher branca. No Brasil, o auge do destaque que deram a ela foi aquela estátua que tem em São Paulo. A mãe preta, conformada com seu destino. Uma coisa chorosa e macia. O grande útero do brasileiro. Por outro lado, você é uma mulher meiga e quentíssima. Só porque é preta, entende de sexo. Já nasceu sabendo. No carnaval só ouve falar: «mulher preta é comigo, sangue quente é comigo». Se o branco discrimina a mulher, como preta é pior ainda. Em termos gerais, ele nem te vê como mulher e sim como negra. É outro departamento. Se a mulher tem direitos a só duas palavras, a negra não pode nem abrir a boca.

Com o homem negro, já tem o dado do machismo e também a rejeição por você ser preta. O que é ainda mais grave. Também ele faz uma concessão. Isso porque ele está querendo se afastar dos problemas da raça. Como a barra é muito pesada, ele pensa que o melhor é dividir: «Eu caso com uma branca e não vou ter mais problemas». Além disso, o protótipo da beleza pra ele, não é a mulher negra, a brasileira, a mulata. O ideal é a mulher européia, a sueca. Por mais feia que ela seja, uma loira de olhos azuis... Ao mesmo tempo, a mulher negra aspira, de modo geral, a um modelo de feminilidade que é imposto por aí. Mas por ser pobre e preta, já teve que enfrentar outra vida. No interior já trabalhou na lavoura. É toda uma outra barra. É mais difícil ser «dondoca». Você não deixa de ser explorada pelo homem, mas tem mais possibilidades de enfrentar a vida do que a mulher branca que é sustentada. Na cidade a alienação da mulher negra é muito forte: você pode ser empregada doméstica ou vedete, a mulata oba-oba. São os dois caminhos. Quando você sabe disso, vê em que nível estão as mulheres. Ela pode ser sustentada, mas continua castrada. Ela não tem a visão de se tornar senhora de seu destino, pois o mercado de trabalho está tão fechado que sua opção é vender o seu corpo, já que ela é sexy. Ela vai ser no máximo uma prostituta de luxo.

Quando você mulher toma uma posição diferente, você caminha numa solidão muito grande. Esse negócio de estudar, todo mundo diz logo: «Que besteira.» E isso tanto o homem branco, como o negro. Mesmo na minha família todo mundo quer que volte para casa. Se fosse homem, todos diriam: «Coitado, tá dando um duro danado. Mas um dia ele vai conseguir». Por causa disso, acho a liberação feminina importante. Você vê, em termos da lei, a mulher não existe. No mercado de trabalho também tem uma série de problemas. Por isso, eu acho que a mulher negra vai participar muito deste movimento, pois ela é a maioria das empregadas domésticas, da mulher na lavoura e das fábricas.

